

A ARTE DA PIAÇAVA

Volume II

GLOSSÁRIO VISUAL
LÉXICO-ETNOGRÁFICO

*Ingrid Gonçalves
de Oliveira*





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

INGRID GONÇALVES DE OLIVEIRA

**A ARTE DA PIAÇAVA:
GLOSSÁRIO VISUAL LÉXICO-ETNOGRÁFICO
Volume II**

Salvador
2022

INGRID GONÇALVES DE OLIVEIRA

A ARTE DA PIAÇAVA:
GLOSSÁRIO VISUAL LÉXICO-ETNOGRÁFICO
Volume II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como pré-requisito para obtenção do Doutorado em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho.

Salvador
2022

2022, Ingrid Gonçalves de Oliveira

Capa:
Luciana Aquino Ribeiro

Fotografias:
Leonardo Raposo de Alencar
Mateus Leite Ferreira

Orientação:
Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Revisão:
Ingrid Gonçalves de Oliveira

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gonçalves de Oliveira, Ingrid
A arte da piaçava: glossário visual léxico-
etnográfico - Volume II / Ingrid Gonçalves de
Oliveira. -- Salvador, 2022.
77 f. : il

Orientador: Américo Venâncio Lopes Machado Filho.
Tese (Doutorado - Doutorado em Língua e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal
da Bahia, 2022.

1. Léxico. 2. Cultura. 3. Lexicografia. 4.
Etnolinguística. 5. Artesanato. I. Venâncio Lopes
Machado Filho, Américo. II. Título.

Esta obra é dedicada às mulheres artesãs de Porto de Sauípe, Canoas e Vila Sauípe que, com dedos hábeis, preservam no entrelaçar das palhas de piaçava as memórias de uma tradição ancestral.

Agradecimento especial pela colaboração:

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Luciana Aquino Ribeiro

PREFÁCIO

Poder-se-ia arriscar dizer, em paráfrase a um poema-epitáfio de Paulo Leminsky, que o silêncio são as obras completas de um poeta que nada deixou escrito¹.

Embora crua a visão, parece ser esse o fado de grande parte do passado linguístico de comunidades ágrafas, sobretudo do léxico de normas dissociadas dos centros de poder e da cultura letrada, que deixam, insensível e inconscientemente, que sua fala, que tantos desígnios e tanta vida um dia representara, sujeite-se relegada à poeira do tempo.

E o que efetivamente se percebe, nesses casos, é que o silêncio pode vir a se constituir tão absoluto – quando nenhuma ação é tomada – que até mesmo sábios perseguiriam em vão “decifrar o eco de antigas palavras” se, porventura, tivessem o fito de o ressuscitar (para mais uma vez se apropriar da escrita de outro grande poeta da língua portuguesa, Chico Buarque de Holanda, em *Futuros amantes*).

O que Ingrid Gonçalves de Oliveira apresenta nesta pesquisa original são exatamente o cuidado e a tarefa, que tem perseguido a Linguística Histórica *stricto sensu*, em duas de suas frentes de trabalho principais: o de procurar “ouvir o inaudível”, como bem formulou Roger Lass, no seu conhecido trabalho de título homônimo, no sentido de uma arqueologia linguística, que, quando não distópica, tem conseguido, que se registre, escutar algumas vozes pretéritas, mas ainda no de atuar responsável e cientificamente para evitar que o tempo, enquanto ainda não seja passado, apague a memória linguística do presente dos que, em seu esteio, ainda são.

Voltada ao registro da fala da comunidade de artesãs do Litoral Norte baiano, especificamente de Vila Sauípe, Canoas e Porto de Sauípe, no município de Entre Rios, a investigação colecionou sistematicamente as heranças culturais que se podiam entrever no léxico utilizado por essas mulheres, na construção diária de seu labor, configurando-se em uma obra inestimável para preservação da voz dessa cultura, a que se intitulou *Arte da Piaçava: glossário visual léxico-etnográfico*, parte integrante de sua tese de doutoramento, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia.

¹ “Aqui jaz um grande poeta. / Nada deixou escrito. / Este silêncio, acredito, / são suas obras completas”. Lápide I: epitáfio para o corpo. LEMINSKY, Paulo. *La vie en close*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 82.

O trabalho apresentado por Ingrid Gonçalves de Oliveira orbita, então, a arte de moldar e modificar a palha da piaçava, cuja materialização linguística se pode observar no léxico, revelando registro e conservação de comportamentos, produtos, técnicas, mas não só, já que persegue o entorno em que se forma a ancestralidade.

O conhecimento dos cento e sessenta e seis verbetes que compõem essa importante publicação é apenas o começo para que essas vozes ecoem para além do tempo.

Salvador, 29 de setembro de 2022.

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

SUMÁRIO – Volume I

A arte da piaçava: estudo léxico-etnográfico do artesanato no Litoral Norte baiano

1	TECENDO A TRAMA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2	LÍNGUA, LÉXICO E CULTURA: POR UMA LEXICOGRAFIA ETNOGRÁFICA DAS ARTES E OFÍCIOS	22
2.1	LINGUÍSTICA ETNOGRÁFICA OU ETNOGRAFIA LINGUÍSTICA?	27
2.2	A LEXICOGRAFIA ETNOGRÁFICA	34
2.3	DE QUE SE TRATA, ENTÃO, O OBJETO DA ETNOLINGUÍSTICA?	39
2.4	SOBRE O CONCEITO DE ETNOREMA	44
3	LÉXICO E CULTURA MATERIAL: O ARTESANATO COMO ARTE, OFÍCIO E TRADIÇÃO	51
3.1	LINGUAGEM E TRABALHO: REFLEXÕES SOBRE O SABER-FAZER ARTESANAL	54
3.2	O PORTO: BREVE HISTÓRICO DA LOCALIDADE	59
4	O COTIDIANO DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E SUA FUNDAMENTAÇÃO	69
4.1	PANORAMA GERAL DO MÉTODO ETNOGRÁFICO	72
4.2	OS PONTOS DA PESQUISA	77
4.3	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	78
4.3.1	A observação participante	78
4.3.2	O roteiro para a entrevista	83
4.3.3	Critérios para transcrição das entrevistas	85
4.3.4	As informantes	87
5	PROCESSAMENTO LEXICOGRÁFICO DO <i>CORPUS</i>	92
5.1	ESTRUTURAÇÃO DO GLOSSÁRIO: A MACROESTRUTURA	93
5.2	MICROESTRUTURA DOS VERBETES	98
6	O ACABAMENTO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	110
	ANEXOS	115

SUMÁRIO – Volume II
A arte da piaçava: glossário visual léxico-etnográfico

Apresentação	11
O Porto	14
Lista de abreviaturas	23
Sinais convencionais	24
Obras etimológicas consultadas	25
Detalhamento dos verbetes e outras informações técnicas	26
Fluxograma das técnicas artesanais da piaçava – Áreas temáticas	31
Chaves para consulta	32
O glossário	34
Índice remissivo	72
Referências bibliográficas	76

APRESENTAÇÃO

Perdoem-me o tempo e aceitem-me o entusiasmo. Afinal, se nós, os que gostamos do português, não olharmos com amor esta face exposta da língua, quem o fará? E se não procurarmos com atenção o que ela nos diz, não poderemos atar com mais força os laços que unem os nossos falares. [...] E a língua é, sem dúvida, um magnífico repositório dessas memórias (MIRA MATEUS, 2000, p. 654).

A Arte da Piaçava: glossário visual léxico-etnográfico constitui-se como um produto lexicográfico que busca, primordialmente, preservar memórias. Estas, não somente de cariz linguístico, mas também de vestígios de uma história que remonta a técnicas indígenas de tradição artesanal. Objetiva, assim, por meio da descrição linguístico-etnográfica, captar a relação das mulheres artesãs com sua arte e labor e retratar marcas dessa relação laboral nesses dois planos.

O recorte do vocabulário aqui registrado expõe uma face da língua pouco vista e que necessita ser mirada tal qual se apresenta, pois no despretenso entrelaçar cotidiano das palhas de piaçava, essas mulheres “atam com força os laços que unem os nossos falares” (MIRA MATEUS, 2000, p. 654). Entrecruzam-se, em unidades etnorêmicas como *aurela*, *bocapiu*, *câimbro*, *cajibá*, *capanga*, *enrulujar*, *mocó*, entre outras presentes no *corpus*, mesclas não só de diferentes normas coetâneas do português, como também usos linguísticos de étimos oriundos de línguas românicas, indígenas e africanas que são, a bem dizer, o esteio histórico de formação do português brasileiro no cenário de contato entre diferentes povos, culturas e línguas.

Ouvir estas vozes, conhecer suas histórias e registrar seu vocabulário é uma forma de perenizar memórias linguísticas e culturais do passado, ainda tão vivas no presente, como herança linguística para a posteridade, já que “não estariam, ao fim e ao cabo, passado, presente e futuro indissociadamente unidos?” (MACHADO FILHO; OLIVEIRA, 2017, p. 89).

Logo, por ser essa uma obra de dupla natureza, lexicográfica e etnográfica, ao contrário do que afirma Ullman (1964, p. 83), ao dizer que as palavras, no dicionário, encontram-se no “estado “puro”, libertas de associações contextuais, cada uma delas com o aspecto de uma entidade independente, com seu próprio significado ou significados”, as definições apresentadas para as unidades documentadas neste glossário visual complementam-se à luz do contexto real de uso, seja ele verbal, por meio das abonações fornecidas pelas artesãs, seja situacional, por intermédio das fotografias que acompanham cada um dos verbetes.

Ilustra-se, com isso, não somente o efetivo contexto verbal em que determinado uso linguístico ocorre, levando “a uma visão ainda mais ampla do contexto que abrange todo o fundo cultural contra o qual é colocado”, tendo em vista que “o significado completo e o tom de certas palavras só podem ser captados se os colocarmos de novo no contexto cultural do período” (ULLMAN, 1964, p. 106), pois a observação linguística de qualquer língua ou norma, falada por comunidades que vivem em condições diferentes e com culturas distintas daqueles que as observam, “deve ser conduzida simultaneamente com o estudo da sua cultura e do seu meio ambiente” (MALINOWSKI, 1936 *apud* ULLMAN, 1964, p. 106).

Insera-se, assim, este glossário em duas grandes frentes teórico-metodológicas: no âmbito da etnolinguística, pois “aborda um uso linguístico motivado por um saber acerca de algo da cultura material do grupo que faz esse uso” (DIAS, 2009, p. 17); e no âmbito da lexicografia histórico-variacional, já que segue o preceito de buscar assegurar a conservação da diversidade entre as diferentes normas do português, por meio do pleno registro da variação lexical seja ela no nível fônico, gráfico ou morfossintático, entendendo que “em prol da manutenção do real espólio linguístico da época que se investiga, sem qualquer prejuízo para o método,

a conformação dicionarística dos lemas deve ganhar contornos, não exclusivamente pela sua “face neutra”, isto é, não apenas pela forma flexionalmente vazia do lexema [...], mas pela variedade das formas gráficas [...], mesmo se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico. [...] Deve, então, privilegiar, para além desse procedimento antes sugerido de lematização, um sistema de remissão, de alguma forma perdulário, que possa arcar com grande parte da exuberância gráfica existente” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Partiu-se, assim, dos referidos pressupostos para inventariar o léxico tradicional do artesanato com as palhas de piaçava nas comunidades de Porto de Sauípe, Canoas e Vila Sauípe, localizadas no Litoral Norte baiano, como produto final da tese de doutoramento *A arte da piaçava: estudo léxico-etnográfico do artesanato no litoral norte baiano*, orientada pelo professor Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho e vinculada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Por entender que a relação entre língua e cultura assenta-se, sobretudo, na ideia de transmissibilidade, a *Arte da Piaçava: glossário visual léxico-etnográfico* procura servir a esse propósito, funcionando como um veículo de registro e conservação de comportamentos, produtos, técnicas e, principalmente, do vocabulário relacionado à tradição. Para tanto, exhibe os contornos do léxico de maneira cientificamente organizada, por meio de um sistema remissivo que busca acomodar a variação de unidades lexicais que não estão completamente diluídas e “aceitas” nas normas correntes de uso.

Desse modo, a nomenclatura, composta por 166 verbetes, apresenta na microestrutura de cada um deles, a entrada, composta pelo item lexical em questão, acompanhada pela classificação gramatical, seguida pela informação sobre o processo de formação da unidade e suas fontes etimológicas, as indicações remissivas, as acepções empregadas no contexto artesanal de produção, seguida pelas respectivas abonações e pelos dados de natureza etnográfica. Além, claro, da definição visual que, por intermédio da documentação fotográfica, mostrou-se a alternativa metodológica mais eficaz e capaz de salvaguardar o momento, refletindo o contexto real em que se empregam as unidades etnorêmicas.

Salvador, Bahia, 18 de setembro de 2022.
Ingrid Gonçalves de Oliveira.

O PORTO

Quero ser justa com o tempo, entender que a busca do “desenvolvimento e do progresso” é uma busca legítima, na qual as pessoas têm o direito de acreditar. Sei que os tempos mudam, que tudo se transforma, que nada é fixo e sempre igual. Isso é vida. Mas acredito que os ciclos dos homens, como os ciclos dos rios e das plantas, devam ter sua harmonia, seu percurso baseado no respeito, na ação não destrutiva, no cuidado com o futuro e com as pessoas. Não é justo apagar uma memória sem criar uma nova que tenha, no mínimo, a mesma dignidade da primeira (FERRI, 2012, p. 89).

Contar antigas histórias é uma excelente maneira de preservar memórias. As “novas” histórias, por sua vez, quando contadas, permitem que se criem novas memórias. Considerando-se que “a história de uma língua realmente se esclarece pela história social e política do povo que usa essa língua” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 91), do ponto de vista linguístico, contar, aqui, a história desse lugar, tomando o léxico que o rodeia como ponto de partida, é uma tentativa, por assim dizer, de renovar e reavivar algumas memórias que cercam Porto de Sauípe.

Sabe-se que, no Brasil, grande parte dos nomes de lugares e de coisas originárias da terra carrega marcas das línguas dos indígenas que habitavam as diferentes regiões, principalmente nas áreas que integram a chamada costa do descobrimento. Por isso, antes de discorrer sobre a história do lugar, mostra-se oportuno tecer algumas considerações em torno das visíveis marcas do contato entre povos e línguas presentes na composição desse topônimo, já que a conformação dos nomes em um cenário sócio-histórico de formação como o brasileiro, toma seus contornos no processo de interação entre falantes e não falantes das línguas indígenas.

Nota-se que, “apesar de muito forte a presença de tais nomes de origem indígena na toponímia brasileira, pouco se sabe, exatamente, sobre seu número de ocorrências e sobre as suas formação e estrutura” (NAVARRO, 2021, p. 3). Assim se dá com a palavra *sauípe*, não registrada nos dicionários etimológicos consultados e de origem controversa.

Sendo assim e por considerar que “a etimologia já não deve contentar-se com o traço insípido que une o ponto de partida ao ponto de chegada, [mas], pelo contrário, pintar o vasto fresco das vicissitudes que a palavra atravessou” (WARTBURG, 1946, p. 109 *apud* ULLMANN, 1964, p. 66), buscou-se tentar refazer o percurso de formação desse topônimo que, caso integrasse a cabeça de um verbete, poderia ser assim formulado:

porto de sauípe – topon. (< porto [lat. *portus,-us*]^h + de + sauípe [este, do tupi *sa'wi* ‘espécie de macaco’]^g + -pe [do tupi *pê* ‘caminho’]^d)*.

Observa-se que, conforme atesta Navarro (2021, p. 4), “há topônimos de origem tupi no Brasil que terminam em *-pe* e *-be* e que compõem um padrão morfológico específico no sistema toponímico brasileiro”. Esse é o caso de Sauípe, unidade presente no levantamento realizado pelo autor acerca dos topônimos brasileiros que incluem a posposição *-pe*, de origem tupi, com base nos dados apresentados pelo Índice de nomes geográficos, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os topônimos com origem no tupi antigo e nas línguas gerais, terminados em *-pe*, em sua maioria são hidrotopônimos e, ainda de acordo com Navarro (2021, p.6), “quase a totalidade deles é composta de nome que incluem o étimo ‘y ou seu alomorfe ÿ, ‘água’, ‘rio’, do tupi antigo, que se realiza em português em Í, Ú ou GI/JI (por exemplo, ‘Sauípe’, ‘Inhabupe’, ‘Sergipe’)”.

Nessa lógica, uma linha interpretativa possível parece indicar que *sauípe* pode ter se formado a partir da composição dos termos tupi *sa'wi* (*sauí*), que tem no português sua forma nasalizada como *sagui* ‘designação comum a pequenos primatas florestais’ (HOUAISS, 2009, p. 1694), acrescida da posposição *-pe* ‘caminho, via’, ou ainda, de acordo com Gonçalves Dias (1970, p. 54), ‘posposição indicando o lugar para onde’, resultando, com isso, em algo como ‘lugar por onde passam os saguis’, ‘caminho dos saguis’.

Em síntese, ao se contar histórias, reflexões dessa natureza mostram-se altamente relevantes, pois atestam como a língua reflete a história não linguística de um lugar. Veja-se, por exemplo, o que conclui Navarro (2021, p. 13) em seu estudo sobre as posposições *-pe* e *-be*. Afirma o autor que os referidos topônimos foram criados pelos próprios índios e não por falantes não nativos do tupi antigo e figuram “entre os mais antigos nomes de origem tupi no território

brasileiro”. Essas unidades toponímicas, além de funcionar como indicadores para uma periodização sobre as línguas indígenas no Brasil, demarcam,

com certeza, a zona do tupi antigo, caracterizando seu antigo domínio geográfico em face das línguas gerais que não conheceram o fenômeno aqui analisado. Segundo Corominas (1971, p. 107), “em todos os países há terminações típicas de uma zona, que caracterizam, por assim dizer, sua paisagem toponímica”; [...] Sua existência indica nomeação pré-histórica ou ocorrida no século XVI e também nas primeiras décadas do século XVII, antes do surgimento das línguas gerais coloniais, nas quais, como já afirmamos, o fenômeno em questão não mais foi produtivo (NAVARRO, 2021, p. 13).

Mas e o Porto? O que nos conta a história acerca das prováveis motivações para tal atribuição nominativa? Dessa vez, recorre-se a história externa para buscar possíveis elucidações.

O povoado que se ergueu na região onde hoje é o Porto, lá pelos anos de mil e oitocentos, foi fundado para servir como ponto de passagem, encurtando o caminho para as embarcações que seguiam rumo à capital, após ter o canal do Rio Sauípe dinamitado pelo senhor Sigismundo Schindler (FERRI, 2012, p. 23).

Situada ao Sul da cidade de Entre Rios, Porto de Sauípe pode ser acessada pela BR-101, distando, aproximadamente, 104 km da capital do estado, ou pela BA-099, localizada a 81 km de Salvador. Na rota turística do Litoral Norte baiano, Porto de Sauípe constitui um ponto de passagem entre os grandes complexos hoteleiros da Costa do Sauípe, Praia do Forte e Imbassai.

Fundada como vila de pescadores, Porto de Sauípe é um pequeno distrito de Entre Rios, maior município da região em relação à área e à população, de acordo com os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Há pouco mais de uma década, Porto de Sauípe era uma vila que contava com aproximadamente 2000 habitantes. Com o início da construção do complexo hoteleiro Costa do Sauípe, no final da década de 90, a comunidade recebeu mais de 2 mil funcionários da construção civil, sem nenhum preparo prévio para tal demanda.

Contam os moradores mais antigos que, na época da primeira ocupação do Litoral Norte, a região de Porto integrava um grande latifúndio doado à família Garcia D’Ávila pelo Reino de Portugal. Nessa época, habitavam ali os índios tupis, tupinambás e maçarandupióis, dizimados e devastados, junto com a sobejante Mata Atlântica que cercava a região, para dar lugar à pecuária e ao comércio de exportação.

Na cidade de Porto de Sauípe a cultura do artesanato com a piaçava faz parte do cotidiano das mulheres artesãs, representando parte importante de uma antiga tradição e da movimentação econômica local. A comunidade de Porto de Sauípe, como narram com nostalgia as artesãs, era uma vila tranquila, movimentada, sobretudo, por atividades de pesca e agricultura, pelos homens, e mariscagem e artesanato, pelas mulheres. Conforme relembra D. Vavá, hoje com 71 anos e residente na localidade desde o seu nascimento:

Sou artesã desde que nasci, desde os sete anos de idade. Por que aqui nós não tinha nada pra fazer a não ser o trançado. O trançado Tupinambá. A gente só tinha isso pra sobreviver. Era os homem, o mar e a gente, a trança. E a pescaria. A gente pescava e trançava pra sobreviver. [...] Minha vó tinha uma ideia com ela que naquele tempo, não tinha casa de telha, era tudo de palha, mas cobriam com palha de coqueiro, mas ela não. Ela só cobria a casa dela com palha de piaçava. Por que diz que a palha da piaçava rolava dez anos sem ela cobrir novamente. Não ficava podre. E a outra do coqueiro com dois anos já precisava tá tirando. Por que não tinha casa de telha aqui, era casa de palha. [...] Aqui era uma aldeia. Aqui é uma aldeia. Você não pode falar de ninguém. Todo mundo é irmão. Se não é irmão é sobrinho, é primo e aí vai.

Nessa época, teciam-se *chapéus* e *mocós* utilizados pelos homens na pescaria. O comércio dos produtos resumia-se à venda dos chapéus de palha tradicionais na região. Uma vez por semana, chegava à vila um carro para comprar os chapéus feitos pelas mulheres. Os demais produtos eram feitos somente para uso próprio ou para trocar por alimentos, como as sacolas, chamadas, à época, de *bocapiu* e os *mocós*, utilizados para armazenar os peixes menores durante a pescaria.

Segundo Silva (2003), as cidades que integram a chamada Costa dos Coqueiros foram construídas, em sua maioria, na vasta área de terra situada ao norte de Salvador, entre o rio Pojuca e o rio Real, doada, em sesmarias, à família Garcia D'Ávila, em agradecimento aos serviços prestados durante a missão colonizadora do Governador Geral Thomé de Souza. Na região hoje conhecida como Praia do Forte, uma das localidades mais movimentadas no Litoral Norte, foi construído, no ponto mais alto, um forte para defesa da capital. Lá a família D'Ávila ergueu um castelo, chamado de Casa da Torre. Muitas terras foram desbravadas por Garcia D'Ávila, do norte de Salvador até o estado do Maranhão.

Nas missões desbravadoras, os primeiros movimentos foram destinados à conquista e ocupação do território, através da submissão das populações indígenas que habitavam a região, os índios tupi, tupinambá e massarandupió (SILVA, 2003). O objetivo maior era a implantação de uma economia extrativista através do plantio do sisal, do algodão, da cana-de-açúcar, da seringueira e da pecuária. Com isso foi se formando uma rede de pequenos povoados, aldeias e vilas, dentre eles Porto de Sauípe. Região antes habitada apenas pelos índios tupinambá, com a chegada dos primeiros portugueses, jesuítas e, posteriormente, dos povos africanos, o povoado se tornou uma pequena aldeia de pescadores.

O artesanato, a mariscagem e a pesca, mesmo em menor escala, ainda marcam presença na localidade, funcionando como fonte de renda para muitas famílias que tiram seu sustento das palhas da piaçava, do mar e do enorme manguezal presente na região, quintal da casa de muitos moradores.

Conforme mostra Muricy (2010), lá para o final da década de 70, com a construção do primeiro trecho da rodovia BA-099, a Estrada do Coco, ligando Salvador à localidade de Itacimirim, o desenvolvimento turístico começou a ser estimulado na região. Logo, a primeira praia do Litoral Norte, Praia do Forte, começa a aparecer nos programas e planos de desenvolvimento turístico do governo do estado.

A realidade dos pequenos povoados que antes sobreviviam da agricultura, da pescaria e do artesanato feito com a piaçava, matéria-prima encontrada em larga escala na região, começa a mudar com a implementação da política governamental de fomento à indústria de celulose por meio da concessão de incentivos fiscais. Com isso, várias áreas de Mata Atlântica foram sendo gradativamente substituídas, com o chamado reflorestamento, por florestas de *pinus* e eucalipto nas terras concedidas às grandes empresas. Muitos moradores locais foram coagidos a abandonar suas propriedades ou vendê-las, criando assim uma grave crise socioeconômica, ambiental e cultural na região, mudando não só a paisagem, mas o modo de vida da população costeira e as relações de trabalho, antes baseadas na cultura de subsistência.

Ao se conversar com as artesãs, foi possível perceber como essas mudanças impactaram drasticamente na vida da comunidade, pois a maioria das pessoas nasceu e cresceu na localidade, acompanhando de perto a gradativa

derrocada dos direitos de uso e acesso de quem, de fato, seria dono da terra. A adaptação aos novos modelos não era uma opção, mas a única alternativa possível de sobrevivência para aqueles que permanecessem na região.

Até então, apesar de tantas alterações, não se podia vislumbrar a real gravidade do problema. O preço do progresso, vendido como avanço e modernização, só veio cobrar a conta para os nativos das pequenas comunidades nas décadas seguintes, final dos anos 80. A situação se agrava com a ampliação da rodovia BA-099 até o estado de Sergipe, chamada de Linha Verde, ligando os municípios de Praia do Forte, pertencente a Mata de São João, e Mangue Seco, pequeno distrito de Jandaíra. Rompe-se, assim, o isolamento dessas comunidades e o turismo passa a figurar como principal veículo de movimentação econômica.

As localidades situadas mais para o interior da Costa dos Coqueiros, assim denominada em 1995, com a criação da PRODETUR-NE², mesmo sem receber diretamente as grandes levas de turistas e atrair investidores, sentem de igual modo as mudanças. Os antigos moradores das áreas valorizadas pelos grandes empreendimentos são desestimulados a continuar residindo no local, tornando-se praticamente impossível sustentar o custo de vida, pois a cidade inteira se volta para o turismo e muitas terras são desapropriadas para implantação de projetos urbanísticos governamentais.

As comunidades começam a receber também um elevado número de novos moradores atraídos pelas oportunidades de emprego em diferentes áreas no setor da construção civil, comércio de produtos locais e serviços gerais nos complexos hoteleiros. Como o custo de vida nos grandes centros é bem mais elevado, os trabalhadores passam a residir nas comunidades menores.

É inegável que há, sim, avanços econômicos e melhorias na infraestrutura de muitas comunidades, como geração de empregos e alegados investimentos na educação e saúde, ainda insuficientes em relação aos lucros gerados pela exploração dos recursos oferecidos. No entanto, os prejuízos culturais e ambientais superam os eventuais benefícios que chegam para essas comunidades.

Porto de Sauípe conta, atualmente, com uma usina de reciclagem de lixo orgânico, com duas escolas públicas, estadual e municipal, com uma Estação Digital – escola de informática, com a Associação de Artesãos e um Centro

² Programa de Desenvolvimento do Turismo no Estado da Bahia.

Comunitário. Há também duas farmácias e cinco supermercados. Por ser uma localidade relativamente mais barata e situada a poucos quilômetros dos maiores centros turísticos da região, o número de pousadas é marcadamente elevado, aumentando ainda mais o fluxo de pessoas que passam pela cidade, principalmente nos meses quentes de verão.

O desmatamento e loteamento de terras em grandes condomínios não deixam outra alternativa a não ser encontrar novas formas de sobrevivência, uma espécie de adaptação econômico-social que modela a estrutura de funcionamento da cidade. Muitos moradores locais trabalham nos complexos hoteleiros das cidades vizinhas, funcionários dos hotéis também passam a residir na cidade, pois o custo de vida é mais baixo. Além disso, muitos nativos prestam serviço nos grandes condomínios, trabalhando na construção, limpeza e manutenção de muitas casas de veraneio.

O comércio local tem suas limitações. É outra esfera diretamente influenciada pelas estações, o dinheiro circula sazonalmente nos períodos em que a presença turística é maior. Fora da alta estação, geralmente, os pontos comerciais são alimentados pelos próprios moradores da cidade. Muitos desses afirmam comprar pouco nos supermercados da região, preferindo viajar alguns quilômetros para a realização de compras em maior quantidade, pois os preços são mais baixos.

Nos demais períodos do ano há uma queda significativa no comércio, pois o poder econômico dos moradores nativos, maior parte da população, é baixo. Além disso, muita coisa é feita fora da cidade. Não existem agências bancárias nem casas lotéricas, somente três caixas eletrônicos do Banco 24 horas. Os hospitais mais próximos ficam distantes e a cidade conta apenas com um posto de saúde e uma agência dos Correios.

No andar de cima do que antes era uma residência, nota-se uma pequena placa indicando que ali funciona um módulo da Polícia Militar. No entanto, durante o período de convivência na localidade, não foi possível notar a presença significativa da polícia, visualizada apenas uma única vez em uma viatura, passando em direção à orla da cidade.

Outro fator que ocasionou a modificação nos costumes de vida foi a entrada do tráfico de drogas. Drogas essas que circulam, majoritariamente, fora da cidade ou entre os nativos mais jovens, uma preocupação a mais para mães e avós.

Em relação a assaltos e outros tipos de violência, o índice é menor, pois os traficantes têm regras próprias para esses tipos de delito e não costumam tolerar, principalmente quando vêm de fora da cidade. No dizer das artesãs, “eles não mexem com a gente”. Infelizmente, não há uma política de combate ativa e efetiva por parte das frentes de segurança pública. Foi possível perceber também como a segurança privada é forte na cidade, fazendo o papel de patrulhamento originalmente destinado ao Estado. Quase todos os pontos comerciais, casas de veraneio e condomínios têm na faixa o adesivo de uma única empresa de segurança.

Em relação ao artesanato, tornou-se quase impossível encontrar com facilidade pés de piaçava, é preciso andar muito, coisa que a idade avançada dessas mulheres não permite mais, ou negociar com as grandes empresas e com a administração dos condomínios fechados uma autorização para retirar a palha. Foi possível ouvir “causos” contados sobre onças propositadamente soltas em terras particulares para evitar a entrada da comunidade local. Além disso, o eucalipto, largamente cultivado na região, mata todas as plantas ao redor, tornando impossível encontrar piaçavas saudáveis no entorno das áreas reflorestadas.

Diante da crise criada com a exploração das grandes indústrias e o avanço do turismo, surgiram algumas iniciativas mistas, de parceria público-privada, visando à promoção do empreendedorismo, à inclusão social e à geração de renda na região, com o intuito de difundir o conceito de desenvolvimento comunitário e garantir à população local acesso aos lucros advindos dos avanços econômicos na região.

Para o artesanato, foi possível observar nitidamente a influência desses projetos na cultura do trabalho. Ocorreram alterações significativas na dinâmica laborativa, na maneira de conceber e se relacionar com a atividade, no processo de produção e comercialização e, conseqüentemente, na estrutura linguística relacionada ao universo laboral do artesanato com as palhas de piaçava.

Se por um lado os diversificados incentivos ao empreendedorismo e modernização trouxeram lucros às artesãs, através da criação de uma cooperativa³ e de cursos de capacitação e parcerias com *designers*, por outro, nota-se um gradativo processo de descaracterização da atividade, refletido, nitidamente, nas escolhas linguísticas. A dinâmica do

³ A Cooperativa de Artesanato do Trançado Tupinambá – COPARTT reúne em torno de 300 artesãs, distribuídas entre oito associações da região da Costa dos Coqueiros.

processo de nomeação e atribuição de sentidos vem se alterando, percebendo-se mudanças significativas na carga sêmica motivacional e referencial para caracterização da atividade, dos itens produzidos, das etapas de beneficiamento e nas escolhas lexicais utilizadas para atribuição da identidade profissional.

Em síntese, seja como corredouro para os saguis ou ponto de passagem para embarcações, nos primórdios da sua fundação; seja como “cidade dormitório” e lugar de descanso para trabalhadores do grande complexo hoteleiro erguido na região; ou, ainda, como alternativa de repouso menos onerosa para turistas, fato é que o Porto já foi passagem para muita gente. Inclusive para o tempo, que continua passando e em tudo deixa suas marcas. Conforme relata Ferri (2012):

o processo de chegada dos novos tempos foi muito longo e, com o tempo, transformou-se numa imensa invasão. Invasão de nossa cultura, invasão de nosso manguezal, de nosso mato, de nosso rio, de nossas ruas, de nosso silêncio, de nosso equilíbrio empírico, de nossa ingenuidade. [...] Tudo isso acontecia ao nosso redor, no espaço de nossas ancestrais e de nossas vidas, sem que a gente se desse conta de que tudo estava mudando” (FERRI, 2012, p. 80).

Contudo, o passar do tempo e a mudança nem sempre são sinônimos de perdas, principalmente quando se coloca, em evidência, a língua. Antigas histórias podem ser recontadas e novas memórias sempre podem ser criadas, sendo, pois, o léxico de uma língua importante ponto de partida. Já que, como diz o verso de Manoel de Barros (1998 *apud* ANTUNES, 2012, p. 49), “só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas”. É esse o objetivo maior desse glossário, garantir, por meio do registro sistemático do léxico dessa comunidade, que essa história possa continuar sendo contada e que velhas e novas memórias possam ser preservadas.

Lista de abreviaturas

adj.	adjetivo	hisp.	hispânico
adv.	advérbio	it.	italiano
af.	aférese	lat.	latim
alt.	alteração	obsc.	obscura
antrop.	antropônimo	onom.	onomatopeia
art.	artigo	part.	particípio
bras.	brasileirismo	pass.	passado
cast.	castelhano	pré-rom.	pré-romano
cláss.	clássico	port.	português
contr.	contração	prep.	preposição
controv.	controversa	quimb.	quimbundo
def.	definido	rad.	radical
deriv.	derivado	regres.	regressivo
etim.	etimologia	sf.	substantivo feminino
fem.	feminino	sm.	substantivo masculino
fr.	francês	talv.	talvez
germ.	germânico	v.	verbo
gót.	gótico	var.	variação
gr.	grego	vulg.	vulgar
guar.	guarani		

Sinais convencionais

■	Abonação
‘ ’	Acepção
()	Comentários
—	Dados etnográficos
*	Elaboração própria
<	Etimologia e/ou processo de formação
“ ”	Extrato de fala
[]	Falsa entrada e/ou indicação etimológica de compostos
	Introduz informação etnográfica distinta
≈	Lema múltiplo
~	Lema secundário
→	Remissão

Obras etimológicas consultadas

- b. BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Brasília Limitada, 1974.
- c. COROMINAS, Joan. *Breve diccionario de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954-1957. 4 v.
- cf. FIGUEIREDO, Candido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. TEIXEIRA, 1913.
- cl. Academia das Ciências de Lisboa. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001.
- cp. COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1991, 6v.
- d. DAUZAT, Albert. *Dictionnaire étymologique des noms de famille et prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.
- gl. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- g2. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. 4 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- h. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Objetiva, 2009.
- m. MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita conhecida de muitos vocábulos estudados*. 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 5v.
- mf. MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário etimológico do português arcaico*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2013.
- mfl. MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Novo Dicionário do Português Arcaico ou Medieval*. Projeto Depare, 2019.
- mg. GUÉRIOS, Rosário Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- ms. SOARES, Antonio Joaquim de Macedo. *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1889.

Detalhamento dos verbetes e outras informações técnicas

Optou-se, como estratégia metodológica para a construção da nomenclatura, composta de 166 verbetes, por uma microestrutura que permitisse retratar a relação do léxico com o universo cultural que o abriga. Sendo assim, para o processamento lexicográfico das unidades presentes no *corpus* e eleição dos signos lexicais, criou-se uma lista de palavras com base nas áreas temáticas distribuídas no fluxograma das técnicas artesanais da piaçava e decidiu-se pela lematização de todas as unidades a partir da leitura integral do *corpus*.

Adotou-se, como critério geral para composição da microestrutura dos verbetes, a fonte Times New Roman, tamanho 09, justificada em caixa de texto com margens de 1cm, as entradas estão sempre acompanhadas pela definição visual, dispostas, em torno de cada imagem, em ordem alfa da esquerda superior para a direita inferior.

Todos os verbetes serão plenos, à exceção daqueles secundários e múltiplos que terão suas unidades apresentadas apenas remissivamente. As variantes vocabulares terão entrada própria como verbete pleno, sem prejuízo para o circuito de remissão com as suas associadas semânticas.

Logo, no que tange ao sistema de remissões, todos os verbetes completam um circuito remissivo que busca espelhar a relação significativa em que se inserem, adotando-se, assim, dois critérios para ordenamento das unidades léxicas: as remissões de natureza significativa, ou seja, as variantes vocabulares; e as remissões associativas, isto é, aquelas unidades que fazem parte dos campos temáticos relacionados à entrada principal. Os itens que fazem parte da cabeça do verbete principal, tais como lemas secundários e múltiplos, possuem entrada remissiva própria, apontando para o verbete principal.

Desse modo, para permitir uma melhor visualização das unidades léxicas no seu contexto natural de manifestação e assegurar a compreensão da relação contextual significativa que se estabelece entre o verbete principal e o circuito remissivo, alguns verbetes com campo semântico ampliado foram propositadamente repetidos e a ordenação das unidades se deu a partir da composição imagética, corrompendo-se a alfabetação tradicional na macroestrutura e optando pela manutenção da ordem alfa apenas internamente, em torno de cada fotografia apresentada. As definições fotográficas, sempre que possível, contemplam o verbete principal e seus correspondentes associativos.

Com o intuito de facilitar a consulta por parte do consulente, apresenta-se, nos textos pós-dicionarísticos que acompanham este glossário, um índice de palavras com a indicação das respectivas páginas onde estão localizados os verbetes. Apresenta-se, na sequência, o detalhamento dos verbetes.

Item	Indicador	Descrição
Lema principal	negrito	Apresenta-se o lema , ou a cabeça do verbete, em letra redonda, minúscula e negritada, com recuo de 1cm, seguida de traço quando não existir lema secundário ou múltiplo (Exemplo: aba do chapéu –).
[falsa entrada]	[]	Indica que a forma encerrada pelas chaves corresponde a uma unidade léxica não atestada no <i>corpus</i> , mas reconstituída para composição do verbete remissivo com intuito de facilitar a localização da unidade no seu formato padrão.
Lema secundário	~	Caso haja a presença de lema secundário , este será apresentado logo após o lema principal, precedido de til /~/, em minúscula, negrito e em itálico, seguido por ponto quando não houver lema múltiplo (Exemplo: auréola ~ <i>auréla.</i>). Considerou-se como critério para seleção dos lemas secundários as unidades de mesma origem, ou seja, mesmo processo de formação ou étimo que, por força de processos metaplásmicos, exercendo pressão sobre a unidade, têm seu formato canônico alterado. Em síntese, os lemas secundários correspondem à variação na perspectiva de acomodação de unidades lexicais que não estão completamente diluídas e aceitas nas normas correntes de uso.

Lema múltiplo	≈	Nos casos em que se verifique a existência de lemas múltiplos de natureza composicional, que incluem os chamados compostos, derivados e flexionais, estes virão logo após o lema secundário, em negrito e minúscula, precedidos de duplo til /≈/, seguidos por ponto (Exemplo: ≈ tirinha .).
Classificação gramatical	–	Insere-se a classificação gramatical, abreviada, em minúsculo e redondo, seguida de ponto ou barra inclina à direita em casos de dupla classificação, logo após o lema secundário ou múltiplo, se houver.
Etimologia ou processo de formação	(< [xx] ^x .) (< xx + [xx] ^x .)	Indica-se, sequencialmente, a etimologia entre parênteses, antecedida pelo sinal /</ ‘provém de’, língua abreviada, minúscula e seguida de ponto. Logo após, apresenta-se a base, em itálico, e indica-se a fonte etimológica consultada, em letra minúscula redonda sobrescrita, seguida de ponto, após o fechamento dos parênteses. Casos em que não há localização da etimologia e que se mostrarem passíveis de recuperação, assume-se a responsabilidade pela proposta etimológica, nesses casos, será seguida apenas por ponto, não sobrescrito, sinalizada com /*/. Os processos formativos figuram entre parênteses, em itálico, seguido de /+/ em casos composicionais, com indicação etimológica das partes na sequência de cada item lexical entre colchetes /[]/. Os elementos mórficos estão sempre indicados como formas presas, precedidos de hífen /-/. A indicação do processo formativo dos lemas múltiplos, será sempre precedida pelo sinal de duplo til /≈/, seguido de /+/ e indicação da forma presa.

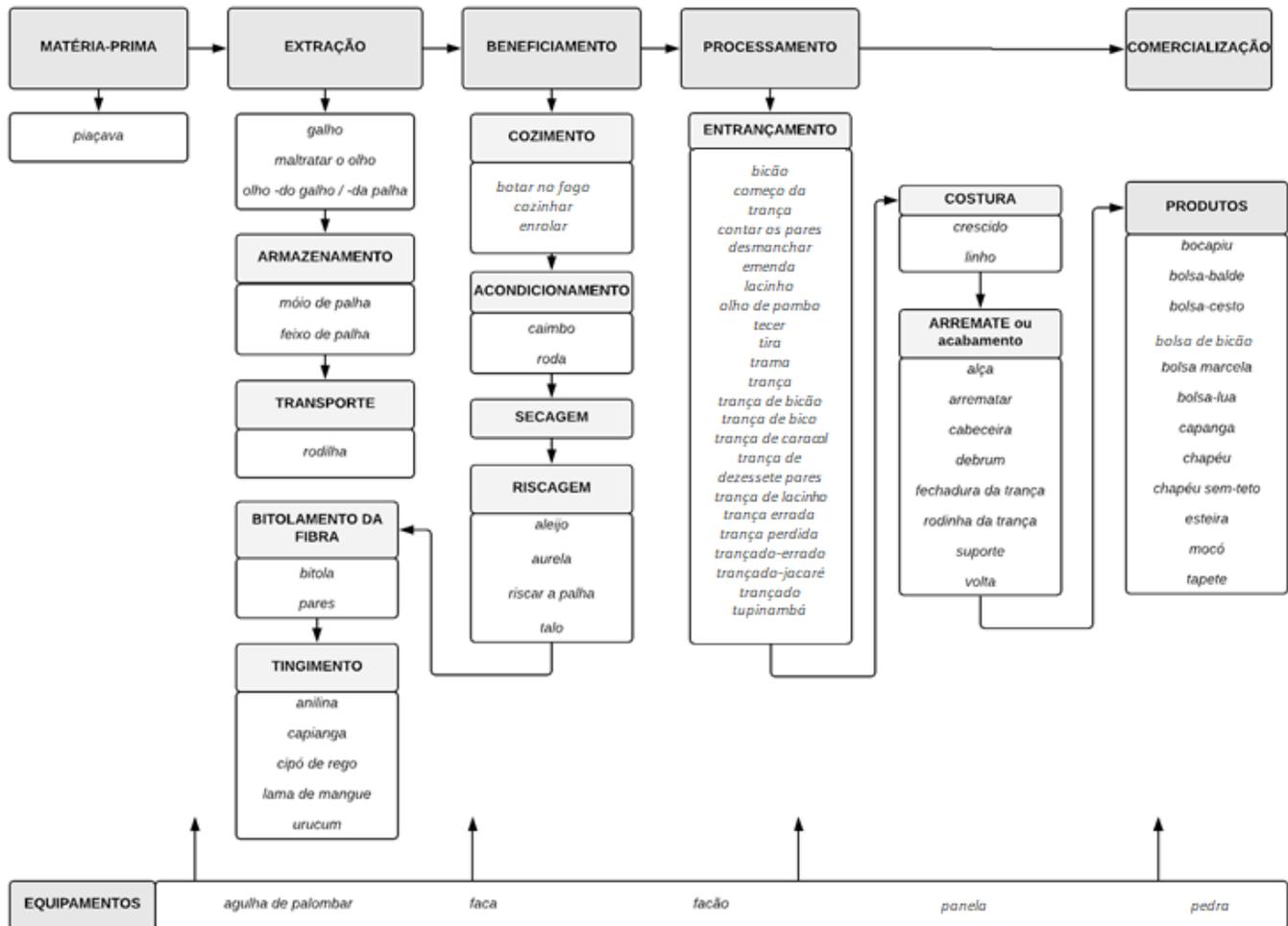
Remissão	→	<p>As remissões significativas, ou seja, variantes com formato vocabular distinto e carga semântica idêntica, aparecem indicadas imediatamente após a informação etimológica, precedida por /→/, em negrito, e encerrada com ponto. As remissões associativas, ou seja, unidades que possuem relação temática ou contextual, figuram imediatamente após a definição ou acepções, em redondo, precedidas por /→/ e encerradas por ponto.</p>
Definição	‘xxx’	<p>A definição terá dupla natureza, lexicográfica e visual. A definição lexicográfica será em minúscula, redondo, entre aspas simples e encerrada por ponto. Em casos de campo semântico ampliado, as acepções serão ordenadas numericamente, precedidas pelo respectivo número /1/, /2/, seguidas por ponto e vírgula, encerradas por ponto, todas entre aspas simples. A definição visual será radial sobre fotografia colorida e indicada por seta longa.</p>
Abonações	<p>■ 1a. “xx”.</p> <p>< pergunta ></p>	<p>As definições virão acompanhadas pelas respectivas abonações, extraídas do <i>corpus</i>, precedidas pelo símbolo /■/, iniciadas e encerradas por aspas duplas /“”/, em redondo e minúscula. Para as unidades com mais de uma acepção, as abonações serão precedidas pela respectiva numeração e letra corresponde à sequência /1a/, /1b/.</p> <p>Nos casos em que o item não acontece em contexto frásico, para melhor contextualizar a abonação, repete-se a pergunta utilizando o sinal < >.</p>

**Dados
etnográficos**

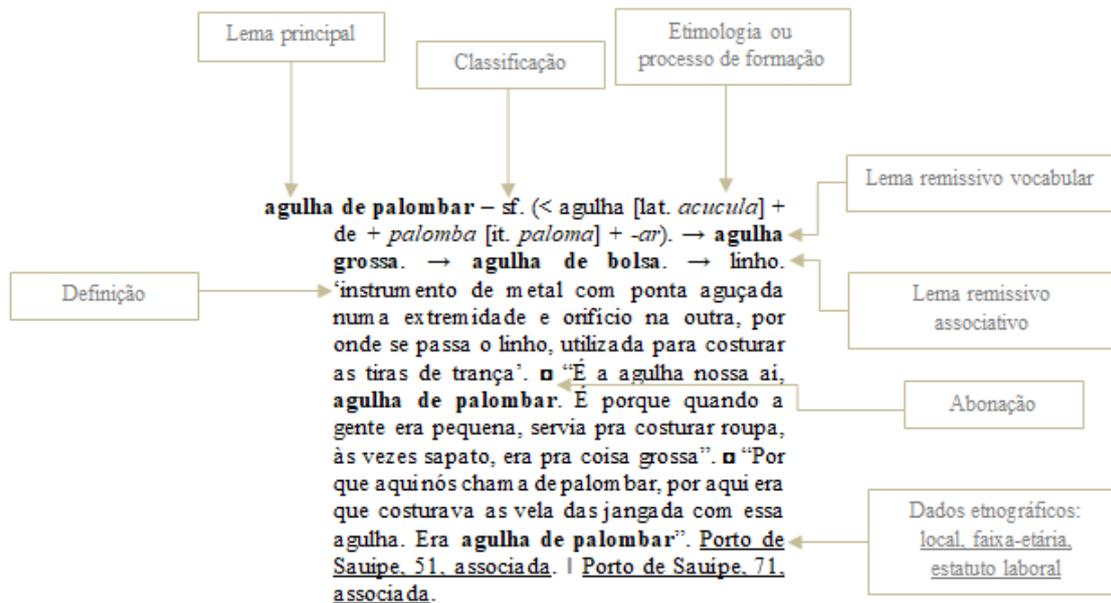
xxx | xxx

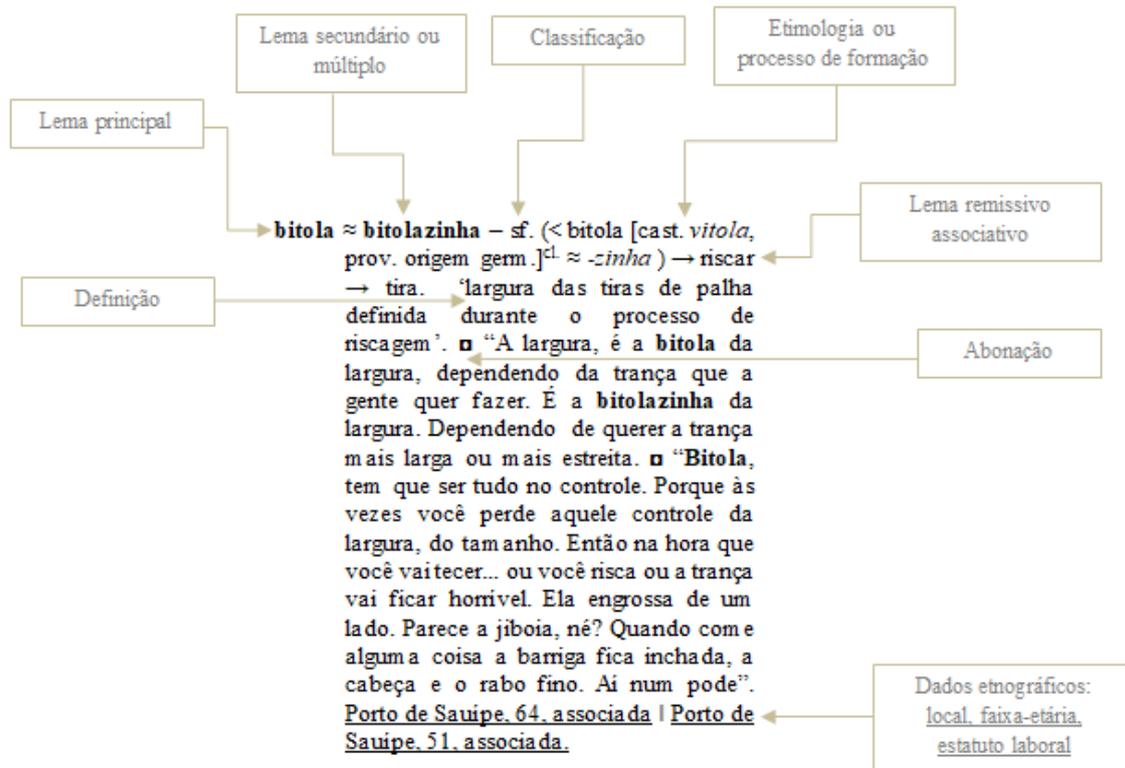
Os **dados etnográficos** serão dispostos logo após as abonações, sublinhados, em redondo e minúscula. Referem-se ao local de registro, a faixa-etária e ao estatuto laboral das artesãs. Em casos em que se apresente mais de uma abonação, os dados etnográficos apresentam-se separados por barra reta dupla //.

Fluxograma das técnicas artesanais da piaçava – Áreas temáticas



Chaves para consulta





O GLOSSÁRIO

aba do chapéu – sf. (< aba [lat. *alapa*] + do + chapéu [fr. *chapel*, este, do lat. *capellus*]^{cl}). → **beirada do chapéu**. → brochinha. ‘extremidade inferior que se prolonga além do corpo do chapéu’. ■ “Faz o comecinho, começa costurando redondinho, redondinho, aí bota umas

→ **aba do chapéu** → copa do chapéu. ‘extremidade inferior que se prolonga além do corpo do chapéu’. ■ “A lateral é a **beirada do chapéu**. Daqui pra cá chama-se a copa, né? Daqui para baixo, já é a **beirada do chapéu**”. Porto de Sauípe, 51, associada.

cuca-fresca – sm. (< cuca [bras. ‘cabeça, crânio, coco’]^h. + fresca [germ. *frisk*]^{sl}). → **chapéu sem-teto**. → **viseira**. → chapéu. → copa do chapéu. ‘modelo de chapéu sem copa, com aba em formato de semicírculo’. ■ “Tem o **cuca-fresca** e tem o outro. Aí se não quiser aberto, faz o acabamento, bota a ponta pra dentro”. Porto de Sauípe, 51, associada.



brochinhas aqui, pra ele ficar, pra ele não sair do lugar e aí vai costurando até encher. A gente enchia, minha mãe botava a gente pra encher até aqui, essa parte toda, daqui pra trás, ela fazia. É aqui que colocava a **aba do chapéu**”. Porto de Sauípe, 51, associada.

beirada do chapéu – sf. (< beira [talvez, afér. de *ribeira*]^{cp}. + -ada + do + chapéu [fr. *chapel*, este, do lat. *capellus*]^{cl}).

chapéu sem-teto – sm. (< chapéu [fr. *chapel*, este, do lat. *capellus*]^{cl}. + sem-teto [prep. lat. *sine* + lat. *tectum, i*]^h). → **cuca-fresca**. → **viseira**. → chapéu. → copa do chapéu. ‘modelo de chapéu sem copa, com aba em formato de semicírculo’. ■ “É o mesmo. O tradicional é o mesmo e tem a viseira, que já foi criado por nós. É o **chapéu sem-teto**”. Porto de Sauípe, 28, individual.

viseira – sf. (< fr. *visière*]^h. → **chapéu sem-teto**. → **cuca-fresca**. → chapéu. → copa do chapéu. ‘modelo de chapéu com copa aberta e aba em formato de semicírculo’. ■ “É o mesmo. O tradicional é o mesmo e tem a **viseira**, que já foi criado por nós. É o chapéu sem-teto”. Porto de Sauípe, 28, individual.

[maltratar] o olho – v. (< maltratar [lat. *male* + *tractus*]^{g1}. + o + olho [lat. *oculu-*]^{mf}). → **ofender o olho**. → cortar o olho. → olho grande. → olho da palha. → olho pequeno. → puxar o olho. → quebrar o olho. ‘arrancar o broto por onde germinam as folhas novas, localizado na base do galho central da piaçava’. ■ “É que ele tem dois olho. Tem um bom de tirá e o outro que vem pequeno. Você tem que tirá de um jeito que o **olho pequeno não maltrate**”. Porto de Sauípe, 71, associada.

ofender o olho – v. (< ofender [lat. *offendere*]^{g1}. + o + olho [lat. *oculu-*]^{mf}). → **maltratar o olho**. → cortar o olho. → olho da palha. → olho pequeno. → puxar o olho. → quebrar o olho. ‘arrancar o broto por onde germinam as folhas novas, localizado na base do galho central da piaçava’. ■ “Não, alguém até pode usar, até usa, mas a gente, normalmente, não usa, não. Porque, na verdade, se a gente usar o gancho, ele pode vir de vez e prejudicar o outro olho. Então a gente tem que puxar ele na mão, com cuidado que é pra não **ofender o olho**”. Canoas, 54, associada.

olho pequeno – sm. (< olho [lat. *oculu-*]^{mf}. + pequeno [talv. do cruzamento do lat. vulg. *pitinnus* com rad. *pikk-*]^{mf1}). → cortar o olho. → maltratar o olho. → ofender o olho. → olho da palha. → puxar o olho. → quebrar o olho. ‘broto por onde germinam as folhas novas, localizado na base do galho central da piaçava’. ■ “É que ele tem dois olho. Tem um bom de tirá e o outro que vem **pequeno**. Você tem que tirá de um jeito que o **olho pequeno não maltrate**”. Porto de Sauípe, 71, associada.



piaçava ~ piçaba – sf. (< tupi *piasaua*)^{g2}. ‘palmeira nativa do Brasil, cientificamente classificada como *Attalea funifera*, de caule liso e cilíndrico, cujas folhas são eretas, verde-escuras e com longos segmentos que as prendem ao tronco, utilizadas também para o artesanato. ■ “Da **piaçava**. É o que pode tirar lá na **piaçava**. A gente tira a palha e deixa aquele pau duro lá. E aqui na palha a gente tem o talo”. ■ “Tirar aquela parte pra fazer... como é que chama, que faz comida... do olho da palha. Mas tá acabando as **piaçava**, porque se tira o palmito, as **piaçava** morre”. ■ “. Pra todos os trançados tem que ser o trançado da **piaçava**. Pra costurar, já usa o linho. É outra fibra, do licuri”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 51, associada.





palha crua – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{g1} + cru [lat. *crudus*]^{g1} + -a). → **palha natural**. → **palha nova**. ‘folha seca e maleável da palmeira utilizada para o artesanato, de coloração orgânica, que não foi submetida ao processo de tingimento’. ■ “Não, a **palha crua**. Toda **crua**. Era pra recepção. Pra recepção da inauguração do hotel”. Canoas, 54, associada.

palha natural – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{g1} + natural [lat. *naturalis*]^{g1}). → **palha crua**. → **palha nova**. ‘folha seca e maleável da palmeira utilizada para o artesanato, de coloração orgânica, que não foi submetida ao processo de tingimento’. ■ “Deixa lá. Se é a **palha natural**, é dessa cor. Fica aí o tempo todo”. ■ “Pintar, para depois tecer. A não ser que vá fazer com a **palha natural**, como eu estou fazendo aqui”. Porto de Saúípe, 71, associada. | Porto de Saúípe, 64, associada.

palha nova – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{g1} + nova [lat. *novus,a*]^{g1}). → **palha crua**. → **palha natural**. ‘folha seca e maleável da palmeira utilizada para o artesanato, de coloração orgânica, que não foi submetida ao processo de tingimento’. ■ “Nós fazia só com a **palha nova**, quando tava toda alvinha”. Vila Saúípe, 78, individual.

alça – sf. (< regres. de *alçar* [lat. *altiare*]^{cl}). → **corda da bolsa**. ‘cada uma das tiras de palha trançadas, dobradas e unidas nas extremidades, que serve para segurar a bolsa’. ■ “É. A gente faz a cordazinha que é a **alça**”. Porto

bolsa de bicão – sf. (< bolsa [lat. *bursa*]^{g1} + de + bico [lat. *beccus*]^{cl} + -ão). → bicão. → trança de bico. ‘modelo de bolsa costurado em diferentes formatos, em que se utiliza a trança de bico para confecção’.

■ “Então, são as bolsas que chama **bolsa de bicão**. São lindas as bolsa dela, agora o acabamento num é. Aí eu já comprei e compro muito na mão delas também. Tem associação que faz pra vender as outras, aí no caso elas faz e vende pra gente. Só que eu compro só a bolsa e o acabamento, a alça, os detalhes, quem faz sou eu”. Canoas, 54, associada.

corda da bolsa ≈ **cordazinha** – sf. (< corda [lat. *chorda*]^{mf} + da + bolsa [lat. *bursa*]^{g1} ≈ corda + -zinha). → **alça**. ‘cada uma das tiras de palha trançadas, dobradas e unidas nas extremidades, que serve para segurar a bolsa’. ■ “É. A gente faz a **cordazinha** que é a alça. Fazer a **corda da bolsa**. Isso, a alça”. Porto de Saúípe, 64, associada.

cordazinha → **corda da bolsa**.





tecer – v. (< lat. *texere*)^{gl1}. → **trançar**. ‘entrelaçar filhetes de palha, em quantidade variada, até que se forme uma tira de palha’. → tira. ■ “**Tecer** significa fazer essa trança. Depois da trança feita você vai costurar”. ■ “Aí eu jogava eles pra **tecer** trança, aí quando vendia, o dinheiro era pra comprar roupas pra eles”. ■ A trança só tem começo, fim não tem. Não tem fim, porque a gente pode **tecer** a vida toda, não vai chegar no final, só se você parar. Encerrou. Mas se você quiser, você pode começar a **tecer** ela de volta. Porto de Sauípe, 71, associada. | Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 51, associada.

trança de dezessete pares ≈ **trançado de dezessete pares** – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + de + dezessete [lat. vulg. *decem et septem* ‘dez e sete’]^{gl1} + par [lat. *pare-*]^{mf1}. + -es). → **trançado tupinambá**. ‘tipo de trançado feito com palha de piaçava, em que se juntam dezessete pares de tiras da mesma bitola’. ■ “Aí é **dezessete pares** pra fazer a trança, nove de um lado e oito de outro. Faz de treze, de vinte e um, faz de nove, faz de cinco”. ■ “Tem essa, com o **trançado de dezessete pares**”. ■ “O outro é **trançado de dezessete pares**. É esse trançado aqui, ó. Todo mundo aqui, no começo, fazia esse trançado.

É esse aqui, do começo de tudo”. Porto de Sauípe, 51, associada. | Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 64, associada.

trançado de dezessete pares → **trança de dezessete pares** → **trançado tupinambá**.

trançado tupinambá – sm. (< trançado [part. pass. *trançar*] + tupinambá [tupi *tupinãmba* ‘descendentes dos tupis’, de *tu’pi* + *nã-’mba*, este, alt. de *ana’mba* ‘derivado de parente, descendente’]^h). → **trança de dezessete pares**. → **trançado de dezessete pares**. ‘entrelaçado em palha de piaçava, em que se juntam dezessete pares de tiras da mesma bitola’. ■ “O tradicional é dezessete pares. A gente chama **trançado tupinambá**”. ■ < Aí depois que as palhas estão riscadas, você começa a fazer a trança, esse trançado tem algum nome?> “É **trançado tupinambá**”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 51, associada.

trançar – v. (< talv. lat. *trinitia*)^{cf.} → **tecer**. ‘entrelaçar filhetes de palha, em quantidade variada, até que se forme uma tira de palha’. → tira. ■ “Olha como ela faz diferente, direitinho aqui, ó. Já fica já diferente daquela. Cada pessoa tem um jeito de **trançar**”. ■ Pra **trançar** num precisa medir não. Pra **trançar** quem faz o movimento é os dedos. A gente muda até as vistas, os dedos já, ói, trabalha!”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.



acabamento – sm. (< *acabar* [*a-* + *cabo* + *-ar*] + *mento*). ‘etapa final do processamento em que se finaliza a costura, inserindo a cabeceira, as alças e eventuais acessórios decorativos’. → **cabeceira**. ■ “Você tem que ter bastante cuidado. Porque o **acabamento**, ele é a... a lindeza da coisa. Se você costura uma bolsa, ela tá linda, mas se ela tiver com o **acabamento** ruim, tiver torto, tiver com a alça fora do lugar, tiver com os pontos grande, mostrando, aí pronto. Você perdeu a lindeza da sua bolsa”. ■ “O **acabamento** da bolsa é dobrar aquela trança pra dentro, medir ela pra ficar tudo numa altura só e aí a gente passa aquela costurazinha por dentro e está pronta a bolsa”. Canoas, 54, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.

cabeceira – sf. (< *cabeça* [lat. *capitia*]^{mf.} + *-eira*). 1. ‘extremidade das bolsas e esteiras’. 2. ‘tira de trança dobrada e costurada na extremidade das bolsas e esteiras, inserida durante a etapa de acabamento para evitar que a trança se desfaça’. → **debrum**. → **suporte**. ■ 1a. “Pegar uma trança, dobrar ela pra botar na **cabeceira** da esteira”. ■ 1b. “Pra vender, é. Quando a gente encobre as **cabeceira**”. ■ 2a. “Toda assim retangular. Aí eu fiz a **cabeceira** de um lado, costurei duas tiras pra poder fazer a **cabeceira**. Pega assim, faz duas tiras, uma esteira com duas tiras e aí dobra ela assim, no meio. Aí aquela, a **cabeceira** fica entre uma tira e a outra e aí costura”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 71, associada. | Canoas, 54, associada.

debrum – sf. (< talv. *dobrum*, ‘dobrar’)^{m.} → **cabeceira** → **suporte**. ‘tira de trança dobrada e costurada na extremidade das bolsas e esteiras, inserida durante a etapa de acabamento para evitar que a trança se desfaça’. ■ “É um **debrum**. A gente bota esse **debrum** por cima pra não desmanchar”. Porto de Sauípe, 71, associada.

suporte – sm. (< fr. *support*)^{sl.} → **cabeceira** → **debrum**. ‘tira de trança dobrada e costurada na extremidade das bolsas e esteiras, inserida durante a etapa de acabamento para evitar que a trança se desfaça’. ■ “É o **suporte** dela, pra aguentar a alça e não descosturar”. Porto de Sauípe, 71, associada.



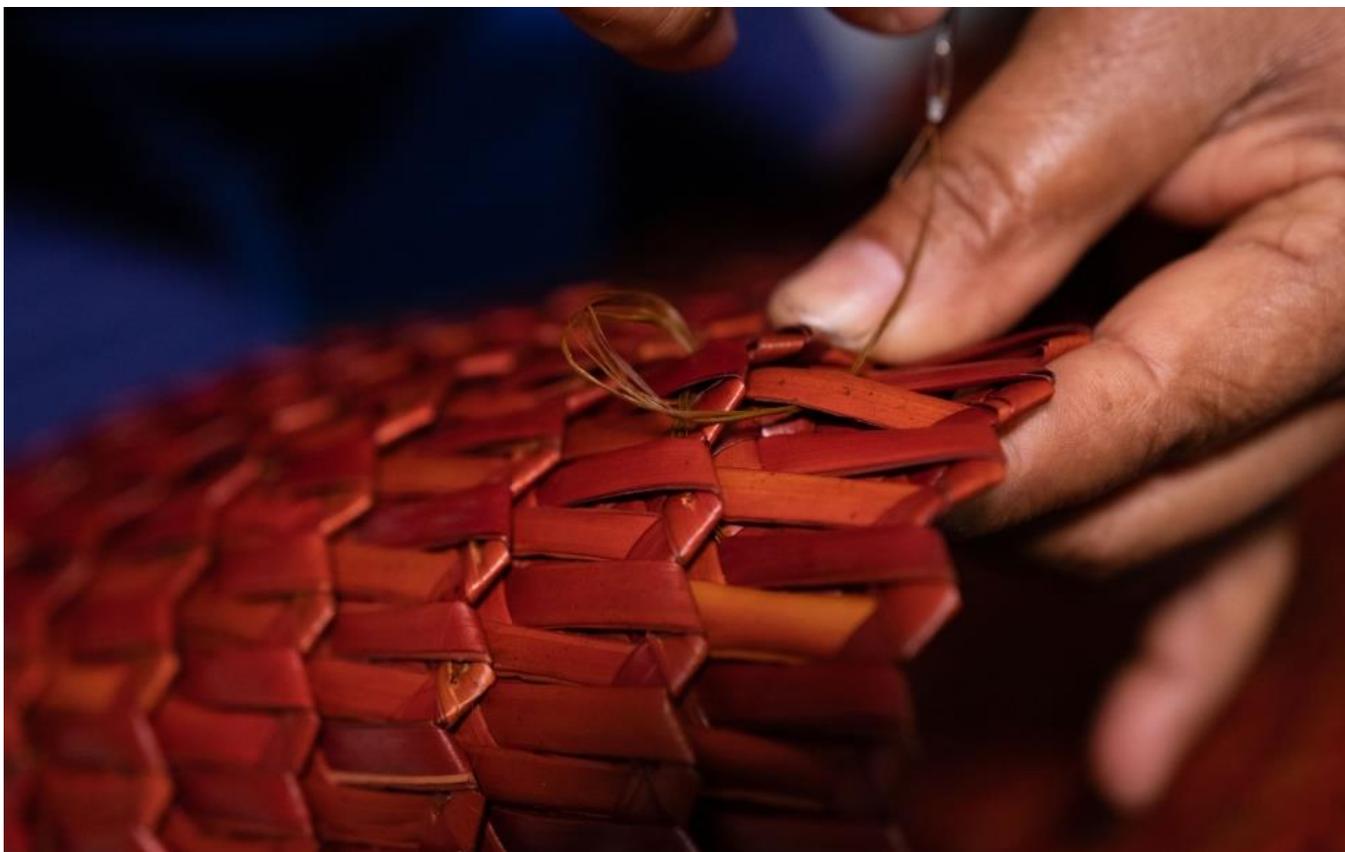
arrematar – v. (< *a-* + *re-* + *matar* [este, do lat. *mactare*]^{cl.} ‘dar fim, finalizar’). → **dobrar**. → **quebrar a trança**. → **virar a trança**. ‘curvar a extremidade da trança para dentro, costurando-a para realizar o acabamento e evitar que se desmanche’. ■ “**Arrematar**. Vira a ponta da trança para prender, pra não desfiar”. Porto de Sauípe, 71, associada.

dobrar – v. (< lat. *duplare*)^{gl.} → **arrematar**. → **quebrar a trança**. → **virar a trança**. ‘curvar a extremidade da trança para dentro, costurando-a para realizar o acabamento e evitar que se desmanche’. ■ “O acabamento da bolsa é **dobrar** aquela trança pra dentro, medir ela pra ficar tudo numa altura só e aí a gente passa aquela costurazinha por dentro e está pronta a bolsa”. ■ “Ela... a trança, desmancha quando é cortada. Aí tem que **dobrar** a pontinha e costurar pra não desmanchar a trança”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.

quebrar a trança – v. (< quebrar [lat. *crepare*]^{mf.} + *a* + trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.}). → **arrematar**. → **dobrar**. → **virar a trança**. ‘curvar a extremidade da trança para dentro, costurando-a para realizar o acabamento e evitar que se desmanche’. ■ “Ah, pra fazer aquela dobrinha, né? [...] Não, quebra. A gente chama quebrar, a gente fala **quebrar a trança**”. Canoas, 64, associada.

virar a trança – v. (< virar [lat. *virare*]^{mf.} + *a* + trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.}). → **arrematar**. → **dobrar**. → **quebrar a trança**. ‘curvar a extremidade da trança para dentro, costurando-a para realizar o acabamento e evitar que se desmanche’. ■ “Depois. Você viu o que eu fiz. Quando chegar os 46cm aí eu viro. Aqui. Eu começo a **virar a trança**”. Porto de Sauípe, 71, associada.





abrir – v. (< lat. *aperire*)^{cl}. 1. ‘separar as palhas da piaçava, enrolando-as após o cozimento’; 2. ‘alargar a costura a partir da junção de dois pares de palha, durante a etapa de processamento’. → **dar um crescido**. → enruljar. ■ 1a. “Tem que cozinhar, **abrir**, botar pra secar”. ■ 1b. “Se **abrir**, aí tem que enrolar logo. Porque se ela secar, ela aberta, ela enrulja toda. Aí fica ruim”. ■ 2a. “Aí subia porque num dava os crescido pra ele **abrir**. Aí minha mãe, ó, puxava minha orelha. A gente pega dois par de vez”. ■ 2b. “É! Tem que dar um crescido, é quando ao invés de pegar um, a gente pega dois.

É pra **abrir**, pra ficar assim, ó”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual. | Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 71, associada.

crescido – sm. (< part. pass. de *crescer* [este, do lat. *crescere*])^{mf}. → dar um crescido. ‘ponto de costura utilizado para ampliar a largura da trança, unindo dois pares por vez’. ■ “Tem que ficar olhando o lado que vai precisar de um **crescido**. Que pode precisar de um **crescido**. Pegar dois pares”. Porto de Sauípe, 64, associada.

dar um crescido – v. (< dar [lat. *dare*]^{gl}. + um + crescido [part. pass. de *crescer*, este, do lat. *crescere*])^{mf}. → **abrir**. → crescido. ‘alargar a costura a partir da junção de dois pares de palha, durante a etapa de processamento’. ■ “É! Tem que **dar um crescido**, é quando ao invés de pegar um, a gente pega dois. É pra abrir, pra ficar assim, ó”. ■ “Aí subia porque num **dava os crescido** pra ele abrir. Ai minha mãe, ó, puxava minha orelha. A gente pega dois par de vez”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Vila Sauípe, 78, individual.

agulha de bolsa – sf. (< agulha [lat. *acucula*] + de + bolsa [lat. *bursa*]^{ch}). → **agulha de palombar** → **agulha grossa** → linho. ‘instrumento de metal com ponta aguçada numa extremidade e orifício na outra, por onde se passa o linho, utilizada para costurar as tiras de trança’. ■ “Tem assim, **agulha de bolsa**. É uma agulha para o artesanato. Quando a gente vai comprar, é assim: “Não, quero uma agulha pro artesanato”. Aí no armarinho todo mundo já sabe”. Canoas, 54, associada.

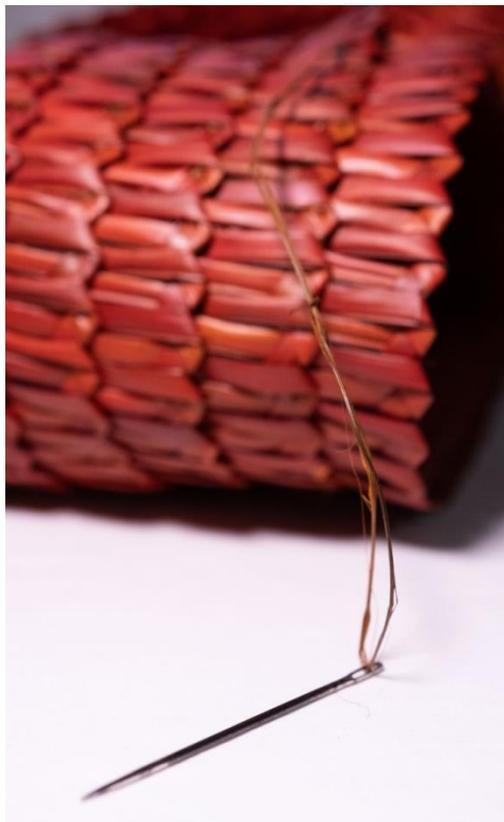
agulha de palombar – sf. (< agulha [lat. *acucula*] + de + *palomba* [it. *paloma*] + -ar). → **agulha grossa** → **agulha de bolsa** → linho. ‘instrumento de metal com ponta aguçada numa extremidade e orifício na outra, por onde se passa o linho, utilizada para costurar as tiras de trança’. ■ “É a agulha nossa aí, **agulha de palombar**. É porque quando a gente era pequena, servia pra costurar roupa, às vezes sapato, era pra coisa grossa”. ■ “Por que aqui nós chama de palombar, por aqui era que costurava as vela das jangada com essa agulha. Era **agulha de palombar**”. Porto de Sauípe, 51, associada. | Porto de Sauípe, 71, associada.

agulha grossa – sf. (< agulha [lat. *acucula*] + grossa [lat. *grossus, a, um*]^{mf}). → **agulha de bolsa** → **agulha de palombar** → linho. ‘instrumento de metal com ponta aguçada numa extremidade e orifício na outra, por onde se passa o linho, utilizada para costurar as tiras de trança’. ■ “Não, não sei. Não é agulha para costurar roupa. Costura sapato, coisa grossa. É, hoje é **agulha grossa**. Viu como mudou? Ficou sofisticada a negoça”. Porto de Sauípe, 51, associada.

linho – sm. (< lat. *linum*)^{gl}. → palha do linho. ‘fibra resistente, localizada no interior da palha do ouricuri, retirada com o auxílio de uma faca e utilizada para costurar’. ■ “O **linho** sai e a palha fica. É uma fibra, ela... a gente tira isso aqui ó, aqui é o linho e aqui fica outra palha que não serve pra nada. Aí tá o linho forte, agora a palha eu já joguei fora”. Porto de Sauípe, 71, associada.

brochinha – sf. (< brocha [fr. *broche*, este, do lat. *brocca*]^{mf}. + -inha). → aba do chapéu → molde. ‘prego pequeno, utilizado para prender a trança no molde do chapéu durante a costura’. ■ “Faz o comezinho, começa costurando redondinho, redondinho, aí bota umas **brochinhas** aqui, pra ele ficar, pra ele não sair do lugar e aí vai costurando até encher. A gente enchia, minha mãe botava a gente pra encher até aqui, essa parte toda, daqui pra trás, ela fazia. É aqui que colocava a aba do chapéu”. Porto de Sauípe, 51, associada.

fôrma – sf. (< lat. *forma*)^{gl}. → copa do chapéu. ‘peça de madeira, no formato da copa do chapéu, utilizada como molde durante a costura’. ■ “Sem colorir. Aí ele começava o chapéu, botava na **fôrma** e mandava, colocava a gente pra costurar. A beirada ela costurava e a **fôrma**, ao redor... cadê a **fôrma**? Botava na **fôrma** e eu ia costurando. Uma **fôrma** de madeira”. Porto de Sauípe, 51, associada.





fechadura da trança – sf. (< fechar [origem controv.] + -dura + da + trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.}). → **fecho da bolsa** → **rodinha da trança**. ‘trança composta por uma pequena roda de trança de piaçava e por um fio de linho trançado, costurados na boca da bolsa para mantê-la fechada’. ■ “Botava uma **fechadura da trança** mesmo. A gente fazia uma rodinha e botava o linho trançado, fazia uma trança de linho e botava”. Porto de Saúpe, 71, associada.

fecho da bolsa – sm. (< fecho [origem controv.] + da + bolsa [lat. *bursa*]^{gl.}). → **fechadura da trança**. → **rodinha da trança**. ■ ‘trança composta por uma pequena roda de trança de piaçava e por um fio de linho trançado, costurados na boca da bolsa para mantê-la fechada’. ■ “Não! Mucunã que era o **fecho da bolsa** antes. Antigamente, agora ninguém bota mais”. Porto de Saúpe, 28, individual.

rodinha da trança – sf. (< roda [lat. *rota,ae*]^{gl.} + -inha + da + trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.}). 1. ‘fecho composto por uma pequena roda de trança de piaçava e por um fio de linho trançado, costurados na boca da bolsa para mantê-la fechada’. → **fechadura da trança**. → **fecho da trança**. 2. ‘pequena roda de trança de piaçava costurada na bolsa como enfeite’. ■ “O imã e o ecler. Agora tem muita gente que ainda gosta da **rodinha da trança**”. Porto de Saúpe, 71, associada.



aleijo – sm. (< regres. de *aleijar* [lat. *laesiare*]^{cl}). → **palha facão** → **palha ruim** → **piaçava dura**. ‘folha seca e maleável da palmeira com deformação inata que, por apresentar rachaduras no centro e extremidade excessivamente pontiaguda, inviabiliza o processo de riscagem’. ■ “Tem umas que elas vêm com um... um defeito, um **aleijo** que num risca, que num dá folha. Fica, como que fica cortada, montada uma por cima da outra que num risca e a gente joga fora”. Porto de Saúípe, 71, associada.

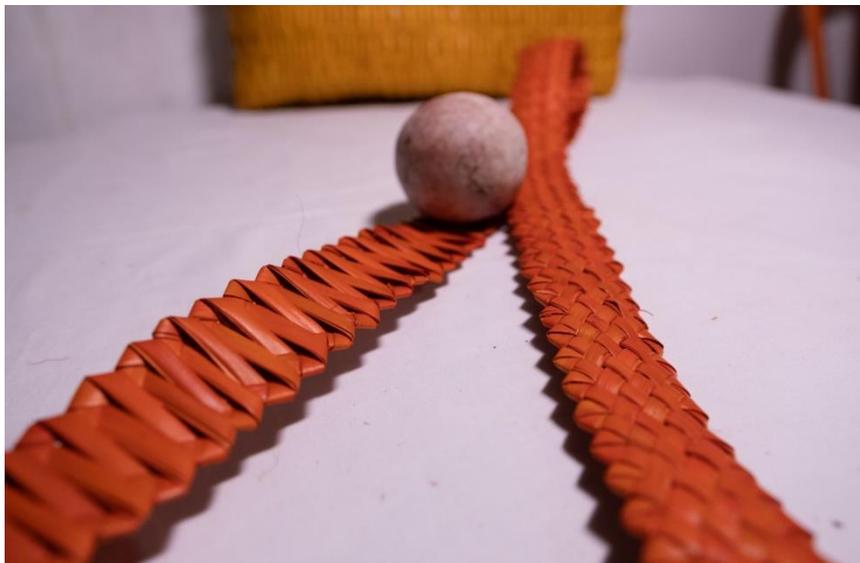
palha facão – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{sl}. + faca [origem controv.] + -ão). → **aleijo** → **palha ruim** → **piaçava dura**. ‘folha seca e maleável da palmeira com deformação inata que, por apresentar rachaduras no centro e extremidade excessivamente pontiaguda, inviabiliza o processo de riscagem’. ■ ‘Tem umas que num serve, tem umas que tem um corte no meio, num sei porquê. Que a gente chama de **palha facão**, né? Ela tem um vinco no meio e aí quando a gente vai riscar ela, ela quebra todinha”. Vila Saúípe, 78, individual.

palha ruim – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{sl}. + ruim [deriv. *ruína*, este, do lat. *ruina,ae*]^{sl}). → **aleijo** → **palha facão** → **piaçava dura**. ‘folha seca e maleável da palmeira com deformação inata que, por apresentar rachaduras no centro e extremidade excessivamente pontiaguda, inviabiliza o processo de riscagem’. ■ “Tirar do pé! Quando a palha é boa e quando a **palha é ruim**”. Porto de Saúípe, 71, associada.

piaçava dura – sf. (piaçava [tupi *piasaua*]^{g2}. + dura [lat. *durus*]^{sl}). → **aleijo** → **palha facão** → **palha ruim**. ‘folha seca e maleável da palmeira com deformação inata que, por apresentar rachaduras no centro e extremidade excessivamente pontiaguda, inviabiliza o processo de riscagem’. ■ “Não. Tem uma que é pequena, tem uma que é **dura**”. Porto de Saúípe, 71, associada.



artesã – sf. (< talvez fr. *artisan*]^{cl}. ‘mulher que trabalha manualmente, empregando técnicas de trançado, para confeccionar diferentes produtos com a piaçava’. ■ “Não. **Artesã**. Hoje eu sou **artesã**. Desde os sete anos de idade. Porque aqui nós não tinha nada pra fazê a não ser o trançado. Trançado tupinambá. A gente só tinha isso pra sobreviver, era os homem o mar, e a gente, a trança... e a pescaria... pescava e trançava... pra sobreviver”. Porto de Saúípe, 71, associada.



bicão – sf. (< bico [lat. *beccus*]^{cl.} + -ão). → **trança de bico** → **trança de bicão**. ‘tipo de trançado feito com palha de piaçava, em que se juntam tiras da mesma bitola, sempre em número par, que, quando sobrepostas no momento da costura, apresentam formato pontiagudo, semelhante ao bico das aves’. ■ “Vinte e um, dezessete pra diferenciar. Eu chamo trança normal. Tem a de lacinho, tem a **bicão**. A **bicão** parece uma cobra e tem outra que é de dois lados”. Porto de Saúípe, 28, individual.

pedra ≈ **pedrinha** – sf. (< pedra [lat. *petra,ae*]^{gl.} ≈ + -inha). ‘pedaço pequeno de matéria mineral sólida, geralmente arredondado, utilizado para espalhar a costura e manter o trançado reto’. → machucar os pares. ■ “É. Não, vai fazendo e ele vai espalhando. [...] Não. Só passa uma **pedra** por cima, vai passando assim a **pedrinha**, pra poder espalhar ela”.

■ “<E essa pedra aí a senhora usa pra quê?> Pra... pra machucar os pares”. Vila Saúípe, 54, associada. | Porto de Saúípe, 71, associada.

trança de bicão → **bicão** → **trança de bico**.

trança de bico – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + de + bico [lat. *beccus*]^{cl.}). → **bicão** → **trança de bicão**. ‘tipo de trançado feito com palha de piaçava, em que se juntam tiras da mesma bitola, sempre em número par, que, quando sobrepostas no momento da costura, apresentam formato pontiagudo, semelhante ao bico das aves’. ■ “Uma **trança de bico**. Ela se transforma um bico, a gente vai tecendo e ela se transforma num bico”. Porto de Saúípe, 71, associada.



cajibá – sf. (< bras. ‘piaçaba grossa e da melhor qualidade’)^{cf.} ‘fibra localizada na base da palmeira de piaçava utilizada para cobertura de pequenas construções e para confecção de vassouras’. ■ “É... do caule dela tem aquela... que faz a vassoura, que chama é... chama piaçava, mas aqui a gente conhece como **cajibá**. A palha, a palmeira cobre... faz quiosque, casa, antigamente, o pessoal não tinha condição de botar telha cobria com palha”. Canoas, 54, associada.



feixe de palha ≈ **feixe de palha** – sm. (< feixe [lat. *fascis, -is*]^{g1}. + de + palha [lat. *palea, -ae*]^{g1}). → **moio de palha**. ‘conjunto de palhas reunidas e amarradas com fibra de linho para posterior transporte ou comercialização’. ■ “Aí não tem quantia. O **feixe** não vem contando quantas tem”. ■ “É, enrola os **feixo**. Um **feixe de palha**. Tanto ele seco como ele verde, a gente chama como **feixo**”. ■ “Foi um dia que tirei um **feixo de palha** tão grande que botei na cabeça e não aguentei. Bufo! Caí! Aí foi um traz nur traz, leva num leva. D. Damiana, er uma mulher magrinha que tem aqui, el tá até ali na foto.

Disse: “Eu levo!” Botou na cabeça o meu **feixo de palha** e veio botar lá no lugar que o carro ia pegar”. ■ “Eu que não escolhia muito não, mas ela, só tirava as compridas. Trazia cada **feixo de palha** danado que nem andava sozinha”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Canoas, 54, associada. | Porto de Sauípe, 71, associada. | Vila Sauípe, 78, individual.

feixo de palha → **feixe de palha** → **moio de palha**.

moio de palha – sm. (< moio [lat. *modius*]^{g1}. + de + palha [lat. *palea, -ae*]^{g1}). → **feixe de palha**. ‘conjunto de palhas

reunidas e amarradas com fibra de linho para posterior transporte ou comercialização’. ■ “Faz o **moio** e marra de corda e vem embora. Nós às vezes pegava o **moio de palha**, enterrava na lama do manguê e botava no urucum. Ficava preta as palhas, chegava a lustrar”. ■ Nós pega os **moio**, coloca na panela, vai enrolando, enrolando até encher. Tem uma certa parte que ela num pode passar, ficar num nível porque que a água vai cobrir ela”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 51, associada.



rodilha – sf. (< cast. *rodilla*)^{gl.} ‘roda confeccionada com tecido enrolado, utilizada sobre a cabeça para transporte de cargas’. ■ < E quando a senhora botava na cabeça, o feixo, botava alguma coisa na cabeça? > “A **rodilha**”. < E fazia a rodilha com o quê? > “Com pano”. Porto de Sauípe, 71, associada.



braça ≈ **braçada** – sf. (< lat. *bracchia*)^{mf.} ‘unidade de medida equivalente ao comprimento entre uma mão e outra, obtida com os braços estendidos horizontalmente’. ■ “A roda tando feita, da trança, as vinte e cinco **braça**, aí a gente vamos costurar ou bolsa, tapete, qualquer coisa, ou carteira”. ■ “É, por **braçadas**. Aqui ó. Essa roda mesmo tem aqui, ó, 25 **braça**. Tem 25 pedaços assim que a gente mede”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 71, associada.

braçada → **braça**.



botar no fogo – loc. (< botar [fr. *bouter*]^{cl.} + no [contração da prep. *em* + art. def. *o*] + fogo [lat. *focus*]^{mf.}). 1. ‘dispor as folhas da piaçava ainda verdes em uma panela com água, submetendo-as à ação do fogo até que se estabeleça a fervura’. → **cozinhar**. 2. ‘dispor as tiras de palha riscadas em uma panela com água e tonalizante, submetendo-as à ação do fogo até que se fixe a coloração’. → **tingir**. → **pintar**. ■ 1a. “**Bota no fogo** até cozinhar. Deixa até cozinhar, quando ela ferve bem, a gente tira”. ■ 2a. “Tão riscadas, a gente... se a gente for fazer natural, a gente vai tecer. E se for pintada a gente vai **botar no fogo** com água e anilina”. Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 71, associada.

cozinhar – v. (< lat. *cocinare*)^{cl.} → **botar no fogo**. ‘dispor as folhas da piaçava ainda verdes em uma panela com água, submetendo-as à ação do fogo até que se estabeleça a fervura’. ■ “Bota no fogo até **cozinhar**. Deixa até cozinhar, quando ela ferve bem, a gente tira”. Vila Sauípe, 78, individual.

panela – sf. (< lat. vulg. *pannella*)^{gl.} ‘recipiente arredondado, geralmente de metal, de altura e largura amplas, utilizado para cozinhar e tingir as palhas’. ■ “Já seca! A gente já compra... a gente só tem que riscar e jogar na **panela** pra tingir”. ■ “Dentro de uma **panela**. **Panela** grande!”. Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 71, associada.



costurar – v. (< costura [lat. *cum* + *sutura*]^{cl.} + -ar). ‘unir as tranças com pontos feitos com linho, utilizando uma agulha’. ■ “A roda tando feita, da trança, as vinte e cinco **braça**, aí a gente vamos **costurar** ou bolsa, tapete, qualquer coisa, ou carteira”. ■ “Pra todos os trançados tem que ser o trançado da piaçava. Pra **costurar**, já usa o linho. É outra fibra, do licuri”. ■ “É! Alinhavar antes e depois volto pra **costurar**, que é pra não sair torto. Pra alinhavar é os pontos grandes. Aqueles pontos grandes, que aí vai segurar ela todinha certa e depois volta **costurando**”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 51, associada. | Canoas, 54, associada.

corante natural – sm. (< corante [lat. *colarare*] + natural [lat. *naturalis*]^{gl1}). → capianga → cipó de rego → lama do mangue → urucum. ‘extrato de natureza vegetal ou mineral utilizado como tonalizante’. ■ “Tingia com **corantes naturais**. A gente tingia com... com capianga, cipó de rego, era urucum, n’era Cota? Nós num tinha anilina, não. Pintava com essa coisa”. Porto de Sauípe, 71, associada.



lama do mangue – sf. (< lama [lat. *lama*]^{gl1} + do + mangue [origem controv.]). → capianga. → cipó de rego. → corante natural. → urucum. ‘mistura viscosa presente no manguezal, composta por argila, matéria orgânica e água salobra, utilizada como tonalizante para obtenção da cor preta’. ■ “Enterrava as palha na **lama do mangue** pra poder pintar com cipó de rego. Botava, ficava preta, bonita. Depois que enterrava na lama, com o cipó de rego ficava preta”. ■ “Enterrava as palha na **lama do mangue** pra poder pintar com cipó de rego. Botava, ficava preta, bonita.

Depois que enterrava na lama, com o cipó de rego ficava preta”. ■ “Lá eu via, mamãe fazia e aí mamãe riscava aqueles moios e ia, e cavava a **lama do mangue** e enterrava. Aí passava ali uma semana, aí quando tirava num tinha quem guentasse a catíngia. Aí pegava e lavava tudo, com sabão. Aí tirava, passava no cipó de rego e

pintava com o cipó de rego e ficava preto”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Canoas, 54, associada.

mudar as vistas – v. (< mudar [lat. *mutare*]^{gl2} + as + vistas [part. pass. de *ver*, este, do lat. *videre*]^{ml1}). ‘desviar a atenção do trançado ou da costura, redirecionando o olhar para outro ponto’. ■ “Porque não podia **mudar as vistas** e a trança a gente **muda as vistas**. Pra trançar num precisa medir, não. Pra trançar quem faz o movimento é os dedos. A gente **muda até as vistas**, os dedos já, ói, trabalha! Pra costurar não pode **mudar a vista**”. Porto de Sauípe, 64, associada.





puxar o olho – v. (< puxar [lat. *pulsare*]^{g1}. + o + olho [lat. *oculu-*]^{mf}). → cortar o olho → maltratar o olho → olho da palha → olho pequeno → ofender o olho → quebrar o olho. ‘arrancar o galho central, por onde brotam as folhas novas, segurando-o com as mãos e forçando-o para si até que se separe do tronco da piaçava’. ■ “Na mão mesmo. É **puxar o olho**, quebrar e tirar as palha. Amanhã você vai ver com Joana quando você for”. ■ “Eu ensinava, no caso, eu ensinava pra não cortar os olho. Os dois olho da piaçava, **puxar o olho** é... ter o cuidado pra **puxar** só o que vai coletar, o outro, o que tá sobrevivendo, não pode”. Porto de Saúpe, 71, associada. | Canoas, 54, associada.



roda de trança – sf. (< roda [lat. *rota,ae*]^{g1}. + de + trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf}). ‘rolo composto por 25 braças de trança para posterior costura dos produtos’. ■ “A **roda** tando feita da trança, as 25 braças, aí a gente vamos costurar, ou bolsa ou tapete ou qualquer coisa, ou carteira”. Porto de Saúpe, 64, associada.

tira ≈ **tirinha** – sf. (< tira [origem desconhecida]^{g1}. ≈ + -inha). 1. ‘filhete de palha obtido após o processo de riscagem, utilizado para compor os pares’. → **palha riscada** → par → riscar. 2. ‘pedaço comprido de trança, de extensão variada, utilizado para confecção dos produtos’. → **volta**. ■ 1a. “Não. A palha que a gente começa aqui,

vamos supor, essa palha aqui larga, aí a gente dobra a palha aqui assim, risca essas **tirinhas**, de um lado, do outro, aí cola assim uma na outra e agora aí a gente vai passando esse trançado”. 1b. ■ “De uma palha só? As **tiras**? Se for larga, umas quatro. Pega a faca, risca **tirinha** por **tirinha**, uma faca cega. Aí vai riscando **tirinha** por **tirinha**”. 2a. ■ “Ela fala as **tira**, quantas voltas pega numa bolsa”. 2b. ■ “Aí eu fiz a cabeceira de um lado, costurei duas **tiras** pra poder fazer a cabeceira”. Porto de Saúpe, 64, associada. | Porto de Saúpe, 28, individual. | Porto de Saúpe, 64, associada. | Canoas, 54, associada.

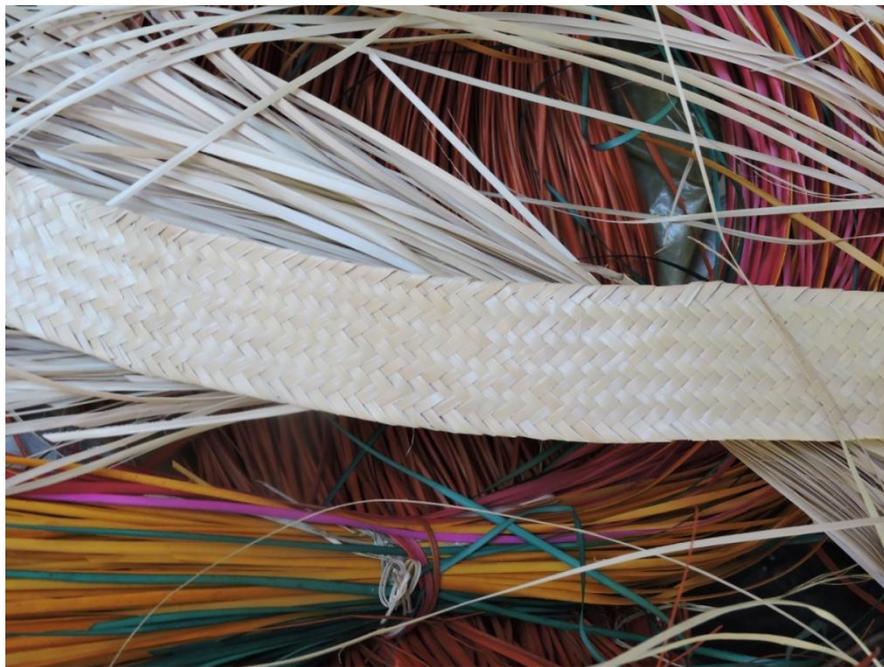
tirinha → **tira**.



tampa – sf. (< talv. germ., deriv. gót. *tappa*)^{g1}. ‘peça móvel, em formatos variados, confeccionada a partir da junção de duas tiras de palha costuradas e dobradas, em se prendem alças, utilizada para cobrir a abertura das bolsas e cestos’. ■ “Assim, pega a metade de uma, a metade da outra, das duas esteirinhas e junta ali, vai costurando. Até chegar no outro lado, em cima dobra, já costura já dobradinha e aí bota as alça. Faz a **tampa**, igual a D. Vavá tava fazendo”. Porto de Saúípe, 51, associada.



tirar a palha – v. (< tirar [origem desconhecida]^{g1} + a + palha [lat. *palea,ae*]^{g1}). ‘separar as folhas novas e ainda fechadas do galho central da piaçava, utilizando a mão’. ■ “Na mão mesmo. É puxar o olho, quebrar e **tirar a palha**. Amanhã você vai ver com Joana quando você for”. ■ “Era tudo aberto aí, a gente entrava. Mas depois que construíram isso aí, num entra mais não. Tem que ir por detrás, pelos matos, **tirar nossas palha**, trazer cada feixo de palha danado que ninguém nem liga, tudo lá se perdendo lá”. Porto de Saúípe, 71, associada. | Vila Saúípe, 78, individual.



trama – sf. (< lat. *trama*)^{gl}. → **trança**. ‘entrelaçamento de três ou mais pares de palhas de piaçava para confecção de diversos produtos artesanais’. ■ “Começamos a fazer as **tramas**, fazia só tramas e depois, aí tem quinze anos que eu fui embora e agora tem quinze anos que eu retornei e aí voltei, quando eu cheguei as meninas já faziam bolsas, tapetes e aí foi que eu comecei a fazer também”. Canoas, 54, associada.

trançado → **trança**.

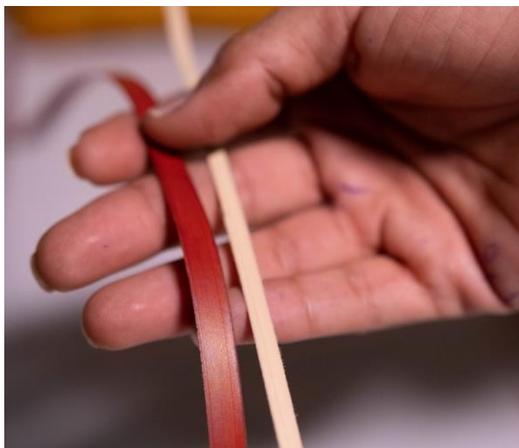
trança ≈ **trançado** – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} ≈ trançado [part. pass. trançar]). → **trama**. ‘entrelaçamento de três ou mais pares de palhas de piaçava para confecção de diversos produtos artesanais’. ■ “E as pessoas que sabe riscar a palha, faz a **trança** toda certinha”. Vila Sauípe, 78, individual.

trança natural – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + natural [lat. *naturalis*]^{gl}). ‘entrelaçado em palha de piaçava não submetido ao processo de tingimento, mantendo-se a tonalidade original da folha

seca’. ■ “Trançando. Ela ensinando, só fazendo a **trança natural**. Sem colorir. Aí ele começava o chapéu, botava na forma e mandava, colocava a gente pra costurar”. ■ “O olho de pombo é uma **trança natural** e aí bota a palha pintada, aí por cima vem uma palha pintada, uma branca, uma pintada, uma branca, aí se forma o olho de pombo”. Porto de Sauípe, 51, associada. | Porto de Sauípe, 71, associada.



trança de caracol – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + de + caracol [talvez cast. *caracol*]^{cf.}). ‘tipo de trançado feito com palha de piaçava, em que se juntam três pares de tiras em apenas um dos lados, mantendo quatro pares no centro do trançado para finalização’. ■ “De **caracol** é três pares. Quatro de um lado, do lado que tece é três e no meio fica quatro e pra tecer só três pares. Aí da sete pares”. ■ “Uns chama de **trança de caracol**. Aí só passo de um lado só. Porque fica sempre umas palha no meio, aí vai tecendo as que fica pro lado, ó”. Porto de Sauípe, 51, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.



bitola ≈ **bitolazinha** – sf. (< bitola [cast. *vitola*, prov. origem germ.]^{cl} ≈ -*zinha*) → riscar → tira. ‘largura das tiras de palha definida durante o processo de riscagem’. ■ “A largura, é a **bitola** da largura, dependendo da trança que a gente quer fazer. É a **bitolazinha** da largura. Dependendo de querer a trança mais larga ou mais estreita. ■ “**Bitola**, tem que ser tudo no controle. Porque às vezes você perde aquele controle da largura, do tamanho. Então na hora que você vai tecer... ou você risca ou a trança vai ficar horrível. Ela engrossa de um lado. Parece a jiboia, né? Quando come alguma coisa a barriga fica inchada, a cabeça e o rabo fino. Aí num pode”. Porto de Sauípe, 64, associada | Porto de Sauípe, 51, associada.

bitolazinha → **bitola**.

tira ≈ **tirinha** – sf. (< tira [origem desconhecida]^{gl} ≈ + -*inha*). 1. ‘filhete de palha obtido após o processo de riscagem, utilizado para compor os pares’. → **palha riscada**. → par. → riscar. 2. ‘pedaço comprido de trança, de extensão variada,

utilizado para confecção dos produtos’. → **volta**. ■ 1a. “Não. A palha que a gente começa aqui, vamos supor, essa palha aqui larga, aí a gente dobra a palha aqui assim, risca essas **tirinhas**, de um lado, do outro, aí cola assim uma na outra e agora aí a gente vai passando esse trançado”. 1b. ■ “De uma palha só? As **tiras**? Se for larga, umas quatro. Pega a faca, risca **tirinha** por **tirinha**, uma faca cega. Aí vai riscando **tirinha** por **tirinha**”. 2a. ■ “Ela fala as **tira**, quantas voltas pega numa bolsa”. 2b. ■ “Aí eu fiz a cabeceira de um lado, costurei duas **tiras** pra poder fazer a cabeceira”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual. | Porto de Sauípe, 64, associada. | Canoas, 54, associada.



aurela – sf. (< lat. *aureolus, a, um*)^h. → **talo**. ‘haste central da palha da piaçava retirada durante o processo de riscagem’. ■ “Riscando. A gente risca, a gente tira a... por que a palha ela tem uma **aurela**. Uma **aurela**, uma coisa dura do lado”. Porto de Sauípe, 71, associada.

[**auréola**] → **aurela**.

talo – sm. (< lat. *thallus, i*)^{gl}. → **auréola** → caule da palha. → galho. ‘haste central da palha da piaçava retirada durante o processo de riscagem’. ■ “Do galho ou do **talo** principal? O galho é o caule da palha. Da piaçava. É o que pode tirar lá na piaçava. A gente tira a palha e deixa aquele pau duro lá. E aqui na palha, a gente tem o **talo**”. ■ “Não. Nós tira do pau é verde. Seca. Pra riscar, a gente tira do **talo**. Risca com uma faquinha, separa a palha do **talo** da palha”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.



copa do chapéu – sf. (< copa [lat. *cuppa*]^{gl}. + do + chapéu [fr. *chapel*, este, do lat. *capellus*]^{cl}). ‘parte superior do chapéu que envolve a cabeça e a que se prende a aba’. ■ “A lateral é a beirada do chapéu. Aí desceu, já vai fazendo a beirada do chapéu. Daqui pra cá chama-se a **copa**, né? Daqui para baixo, já é a beirada do chapéu. Aqui, no caso, chama **copa do chapéu**”. Porto de Sauípe, 51, associada.



piaçava pequena – sf. (< piaçava [tupi *piasaua*]^{g2} + pequena [talv. do cruzamento do lat. vulg. *pitinnus* com rad. *pikk-*]^{mf1}). ‘folha seca e maleável da palmeira, de curta extensão e largura estreita que impossibilita o trançado’. ■ < Qualquer piaçava serve para fazer os produtos? > “Não. Tem uma que é **pequena**, tem uma que é **dura**”. Porto de Sauípe, 71, associada.



trança errada – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + errada [lat. *erratus,a,um*]^{g1}). → **trança perdida** → **trançado errado**. ‘entrelaçado feito com palha de piaçava, em que se juntam os pares alternadamente no momento do trançado’. ■ <Ontem a senhora me falou de uma trança chamada trança de erro. É assim que chama?>. “A **trança errada**”. ■ “**Trança errada**, dependendo, nunca dá certo! Num vai mais não”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Vila Sauípe, 78, individual.

trança perdida – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + perdida [lat. *perdita*]^{mf1}). → **trança errada** → **trançado errado**. ‘entrelaçado feito com palha de piaçava, em que se juntam os pares alternadamente no momento do trançado’. ■ “**Trança perdida?** Quando pula de um pro outro”. Vila Sauípe, 78, individual.

trançado-errado – sm. (< trançado [part. pass. trançar] + errado [lat. *erratus,a,um*]^{g1}). → **trança errada**. → **trança perdida**. ‘entrelaçado feito

com palha de piaçava, em que se juntam os pares alternadamente no momento do trançado’. ■ “E agora que saiu esse outro trançado diferente e agora tão fazendo na associação também o **trançado errado**. Esse aí também eu ainda não fiz, deve ser esse que eu tô falando que faz a bolsa jacaré. Pode ser esse **trançado errado**”. Porto de Sauípe, 51, associada.



quebrar a cabeceira – v. (< quebrar [lat. *crepare*]^{g1} + a + cabeça [lat. *capitia*]^{mf.} + -eira). ‘dobrar as extremidades do trançado das bolsas para que fiquem quadradas’. ■ “A bolsa balde o fundo dela a gente faz pequeno e vai costurando e vai abrindo ela. E a bolsa marcela, ela a gente faz o começo dela grande, depois **quebra as cabeceiras** pra ficar quadrada”. Porto de Sauípe, 64, associada.



cortar o olho – v. (< cortar [lat. *currere*]^{gl.} + o + olho [lat. *oculu-*]^{mf.}). → **quebrar o olho** → maltratar o olho → olho da palha → olho pequeno → ofender o olho → puxar o olho. ‘extrair o rebento da palmeira, utilizando-se facão ou mão’. ▣ “A piaçava morre porque ele **corta o olho**”. ▣ “Eu ensinava, no caso, eu ensinava pra não **cortar os olhos**. Os dois olhos da piaçava, puxar o olho é... ter o

cuidado pra puxar só o que vai coletar, o outro, o que tá sobrevivendo, não pode”. Vila Sauípe, 78, individual. | Canoas, 54, associada.

quebrar o olho – v. (< quebrar [lat. *crepare*]^{mf.} + o + olho [lat. *oculu-*]^{mf.}). → **cortar o olho**. → maltratar o olho. → olho da palha. → olho pequeno. → ofender o olho. → puxar o olho. ‘retirar o galho central da piaçava, por

onde brotam as palhas novas, utilizando um facão’. ▣ “Na mão mesmo. É puxar o olho, **quebrar** e tirar as palha. Amanhã você vai ver com Joana quando você for”. ▣ “Tem. A gente temos que tirar com cuidado para não **quebrar o olho** menorzinho. Tem que puxar, deixando o menor pra tirar o maior”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.



“Aí depois eu vou tirar daqui, vou lavar as palha e vou pendurar pra elas ir escorrendo a água. Nessa mesma **calda** aqui, eu vou botar o vermelho. Aí eu boto a tinta vermelha, aí pinto vermelho. Depois do vermelho, eu tiro essa **calda** do vermelho, boto numa vasilha e vou pintar o azul. Depois do azul, eu pinto o verde. Hoje eu não vou pintar o amarelo, não. Só vou pintar só essas cores. Depois de tudo eu vou pintar aquela cor lá, o vinho. O que tá aí no chão. Aí essa **calda** toda já boto o escuro, aí eu utilizo a **calda** toda. Depois do escuro eu joga a **calda** fora”. Porto de Sauípe, 51, associada.

botar no fogo – loc. (< botar [fr. *bouter*]^{cl} + no [contração da prep. *em* + art. def. *o*] + fogo [lat. *focus*]^{mf}). 1. ‘dispor as folhas da piaçava ainda verdes em uma panela com água, submetendo-as à ação do fogo até que se estabeleça a fervura’. → **cozinhar**. 2. ‘dispor as tiras de palha riscadas em uma panela com água e tonalizante, submetendo-as à ação do fogo até que se fixe a coloração’. → **tingir** → **pintar**. ■ 1a. “**Bota no fogo** até cozinhar. Deixa até cozinhar, quando ela ferve bem, a gente tira”. ■ 2a. “Tão riscadas, a gente... se a gente for fazer natural, a gente vai tecer. E se for pintada a gente vai **botar no fogo** com água e anilina”. Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 71, associada.

calda – sf. (< lat. *caldus*, de *calidus*)^{mf}. → botar no fogo. → pintar. → tingir. ‘resíduo líquido de coloração variada obtido após o processo de tingimento da palha’. ■

pintar – v. (< lat. *pingere*)^{gl}. → **botar no fogo** → **tingir**. ‘dispor as tiras de palha riscadas em uma panela com água e anilina, submetendo-as a ação do fogo até que se fixe a coloração’. ■ “Não. Tem que cozinhar, abrir, botar pra secar. Depois de secada... de seca, você bota pra... depois de seca você vai riscar, depois de riscada, você vai **pintar** pra poder tecer”. Porto de Sauípe, 71, associada.

tingir – v. (< lat. *tingere*)^{gl}. → **botar no fogo**. → **pintar**. ‘dispor as tiras de palha riscadas em uma panela com água e anilina, submetendo-as a ação do fogo até que se fixe a coloração’. ■ “Já seca! A gente já compra... a gente, só tem que riscar e jogar na panela pra **tingir**”. Vila Sauípe, 78, individual.



amolecer – v. (< lat. *mollescere*, com prótese)*. ‘tornar a palha maleável para o trançado, umedecendo-a para facilitar o trançado’. ■ “É, molha para **amolecer**. Você passa um pano úmido assim que aí ela amolece”. Canoas, 54, associada.



anilina – sf. (< talvez, fr. *aniline*)*. ‘corante artificial, disponível em cores diversas, utilizado para alterar a tonalidade da palha’. ■ “Tão riscadas, a gente... se a gente for fazer natural, a gente vai tecer. E se for pintada a gente vai botar no fogo com água e **anilina**. Vai botar pra pintar”. Porto de Sauípe, 71, associada.



botar pra secar – loc. (< botar [fr. *bouter*]^{cl} + pra (síncope de *para*) + secar [lat. *siccare*]^{mf}). ‘pendurar as palhas enroladas para a secagem à sombra, após o cozimento’. → *câimbo*. ■ “É. A gente tira, cozinha e a gente faz os câimbo, aquelas rodas de palha. A gente pendura, faz o câimbo com duas rodas pra **botar pra secar**”. ■ “Abre elas tudo, que elas vêm fechadinha. Aí abre, enrola e **botar pra secar** na sombra, num bota no sol”. Canoas, 54, associada. | Vila Sauípe, 78, individual.

câimbo – sm. (< origem contrv.). ‘roda composta por um par de palhas cozidas, ligadas entre si com a própria piaçava’. → botar pra secar. ■ “E aí vai enrolando assim, enrola, abre de um em um e volta enrolando de um em um, aí depois vai amarrando e vai pendurando aí pra secar. Aí é três quatro dias para secar. Aqui tem um *câimbo*, um desse, cada um desse tem duas rodas de palha”. ■ “Isso aí é a palha, os *câimbo*. Uma só, no caso uma roda dessa, a gente chama de roda. Aí o *câimbo* já são as duas rodas juntas, amarradas”. Porto de Sauípe, 51, associada. | Canoas, 54, associada.

[câimbro] → *câimbo*.



alinhavar – v. (< fras. *a* + *linha* [lat. *linea,ae*]^{mf} + *vã* [lat. *vanu-*]^{cl} + *-ar*). → **costur[ar] aberta**. ‘coser provisoriamente as tranças com pontos de costura largos, utilizando o linho, para evitar que desalinhem durante o processo de costura final’. ■ “É! **Alinhavar** antes e depois volto pra costurar, que é pra não sair torto. Pra **alinhavar** é os pontos grandes. Aqueles pontos grandes, que aí vai segurar ela todinha certa e depois volta costurando”. Canoas, 54, associada.



costura[ar] aberta – v. (< costura [lat. *cum* + *sutura*]^{cl} + *-ar* + aberta [lat. *apertus*]^{mf1}). → **alinhavar**. ‘coser provisoriamente as tranças com pontos de costura largos, utilizando o linho, para evitar que desalinhem durante o processo de costura final’. ■ “**Costurando aberta**. Como que eu vou fazer um tapete, depois eu fecho as duas banda”. Porto de Sauípe, 71, associada.



bolsa-lua – sf. (< bolsa [lat. *bursa*] + lua [lat. *luna,ae*]^{sl}). → **mocó**. ‘modelo de bolsa em formato arredondado, costurada na horizontal, com alças nas laterais e fechada com uma tampa de trança’. ■ “Uma **bolsa-lua**. Costurada redonda e depois fecha ela. Isso aqui é a tampa”. ■ “Não! Ele era quadrado e o que chamava de mocó é aquela **bolsa-lua** que eu te mostrei. É isso! Aí era chamada de mocó, era os pescadores que usavam”. ■ “Tem aquele outro que chamam mocó, que hoje é o, o... é o mocó que os pescadores usavam, que hoje é usado como **bolsa-lua**, né? Muito famosa, vendida que só!”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Vila Sauípe, 78, individual. | Canoas, 54, associada.

mocó – sm. (< talv. var. de *bocó* ‘maleta, alforge de couro’ [este, do guar. *mbocog* ‘segurar, prender, guardar’]^{ms}). → **bolsa-lua**. ‘modelo de bolsa em formato arredondado, com alças nas laterais e fechada na extremidade com uma tampa’. ■ “Era o cofo. Mas o cofo é feito de cipó. Tem aquele outro que chamam **mocó**, que hoje é o, o... é o **mocó** que os pescadores usavam, que hoje é usado como bolsa-lua, né? Muito famosa, vendida que só”. Canoas, 54, associada.



bolsa-jacaré – sf. (< bolsa [lat. *bursa*]^{g1} + jacaré [tupi *jaka're*]^{g2}). → trançado-jacaré. ‘modelo de bolsa costurada em diferentes formatos, em que se utiliza o trançado-jacaré para confecção’. ■ “A **bolsa-jacaré** tem um trançado diferente, quando ele termina de tecer a trança, o natural com essa cor escura, ele fica um triângulo. Ele fica um triângulo. Muito bonita a bolsa fica”. Porto de Sauípe, 51.

trançado-jacaré – sm. (< trançado [part. pass. trançar] + jacaré [tupi *jakare*]^{g2}). ‘entrelaçado em palha de piaçava, em que se mesclam tiras sem tingimento e em tonalidade escura, formando pequenos triângulos semelhantes a escamas de jacaré’. ■ “Tem o trançado de treze pares, de vinte e um pares, tem o lacinho, tem o bicão e tem o **jacaré**”. Porto de Sauípe, 51, associada.

botar no ritmo – loc. (< botar [fr. *bouter*]^{cl} + *no* (contr. prep. *em* + art. def. *o*) + *ritmo* [lat. *rhythmus, i*]^{g1}). → **machucar os**



pares. → **mocar.** ‘pressionar as tiras de trança, utilizando uma pedra ou outro objeto com peso semelhante, para mantê-las retas e sem dobras durante a costura ou após sua finalização’. ■ “Ali só é por uns dias, aquela multicolor que tá lá fica uns dias. Ali é só bota... porque alguém que costurou não deixou ela bem... aí bota num canto, no chão, pra ficar retinha. Aí bota peso em cima e vai **botando no ritmo**”. Canoas, 54, associada.

moca[r] – v. (< origem obs.). → **botar no ritmo.** → **machucar os pares.** ‘pressionar as tiras de trança, utilizando uma pedra ou outro objeto com peso semelhante, para mantê-las retas e sem dobras durante a costura ou após sua finalização’. ■ “Ela costura, começa assim, tá vendo? Todo redondinho e aí vai fazendo o tamanho e depois **moca** ela. Assim, ó, vai empurrando ela assim e aí ela sai. Aí vai **mocando** ela, empurra e depois costura por cima pra fixar”. Canoas, 54, associada.

machucar os pares – v. (< machucar [cast. *machucar*]^{cl} + *os* + *par* [este, do lat. *pare*]^{mfl} + -es). → **botar no ritmo** → **mocar.** ‘pressionar as tiras de trança, utilizando uma pedra ou outro objeto com peso semelhante, para mantê-las retas e sem dobras durante a costura ou após sua finalização’. ■ “Pra... pra **machucar os pares**”. Porto de Sauípe, 71, associada.



bolsa-pastel – sf. (< bolsa [lat. *bursa*]^{g1} + pastel [fr. ant. *pastel*]^{g1}). ‘modelo de bolsa em formato de semicírculo, sem alças, fechada na extremidade com zíper’. ■ “Eu faço bolsa marcela, bolsa-cesto, bolsa-balde, bolsa-lua, **bolsa-pastel**”. ■ “A carteirinha é menor, a balde é fina em baixo e em cima vai ficando mais larga e a marcela é toda quadrada. E a **pastel**, costura uma roda e depois fecha”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.



bocapiu – sf. (< origem obsc.) → **bolsa marcela** → fechadura da bolsa. ‘modelo de bolsa em formato retangular, costurada na vertical, com fecho de trança ou aberta na extremidade’. ■ “Naquela época só fazia chapéu, **bocapiu** e esteira” ■ “Já! Bolsa balde, bolsa lua, a bolsa marcela não, chamava **bocapiu**. Era diferente, depois começou cada um botava um nome”. ■ “Compridinho. Fazia pra usar, mas pra vender num fazia não. É porque o que visse, a boca ficasse calada, né? Os olhos viu, **bocapiu**”. Canoas, 54, associada. | Porto de Sauípe, 51, associada. | Vila Sauípe, 78, individual.

bolsa marcela – sf. (< bolsa [lat. *bursa*]^{el} + marcela [antrop. lat. *marcellus*]^d). → **bocapiu**. ‘modelo de bolsa em formato retangular, costurada na vertical, com fecho de trança ou aberta na extremidade’. ■ “Ela foi quem fez a sede pra gente trabalhar. Ela fez uma carta, fez o projeto. Aí ela até hoje tá com a gente. Aí ela mandou fazê essa bolsa, aí a gente botou o nome dela de **bolsa marcela**”. ■ “A bolsa-balde o fundo dela a gente faz pequeno e vai costurando e vai abrindo ela. E a **bolsa marcela**, ela a gente faz o começo dela grande, depois quebra as cabeceiras pra ficar quadrada”. ■ “Já! Bolsa-balde, bolsa-lua, a **bolsa marcela** não, chamava bocapiu. Era diferente, depois começou cada um

botava um nome”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 51, associada.

feita ao comprido – sf. (< feita [lat. *factum, i*]^{mfl}. + ao + comprido [lat. *complere*]^{el}). ‘formato das bolsas e esteiras em que se juntam as tiras de trança verticalmente no momento da costura’. ■ “É tipo essa, é comprida. Essa daqui, ó. Tipo essa. É essa daqui que tá mais perfeita, ela é **feita ao comprido**”. Porto de Sauípe, 71, associada.



associado – adj. (< part. pass. *associar*]^{el}. ‘indivíduo que possui vínculo com uma associação comunitária para realização do trabalho artesanal’. ■ “Não. É artesã mesmo... ou cooperado. Na associação a gente chama **associado**, na cooperativa, cooperado”. Canoas, 54, associada.

cooperado – sm. (< cooperar [fr. *coopérer*, este, do lat. *co-operari*]^{el} + ado). ‘artesão que possui vínculo com a cooperativa regional para produção e comercialização dos produtos artesanais’. ■ “Não. É artesã mesmo... ou **cooperado**. Na associação a gente chama associado, na cooperativa, **cooperado**”. Canoas, 54, associada.



aricum → urucum.

corante natural – sm. (< corante [lat. *colarare*] + natural [lat. *naturalis*]^{g1}). → capianga. → cipó de rego. → lama do mangue. → urucum. ‘extrato de natureza vegetal ou mineral utilizado como tonalizante’. ■ “Tingia com **corantes naturais**. A gente tingia com... com capianga, cipó de rego, era urucum, n’era Cota? Nós num tinha anilina, não. Pintava com essas coisa”. Porto de Sauípe, 71, associada.

urucum ~ *aricum* – sm. (< tupi *urucu*)^{g2}. ‘corante vegetal de tonalidade avermelhada, utilizado no processo de tingimento da palha’. → capianga. → cipó de rego. → corante natural. → lama do mangue. ■ “Tingia com corantes naturais. A gente tingia com... com capianga, cipó-de-rego, era **urucum**, n’era Cota? Nós num tinha anilina, não. Pintava com essas coisa”. ■ “Com uma folha chamada cipó-de-rego e outra frutazinha chamada **aricum**”. Porto de Sauípe, 71, associada | Porto de Sauípe, 64, associada.



chapéu – sm. (< fr. *chapel* [este, do lat. *capellus*])^{cl}. → chapéu sem-teto → cuca-fresca → viseira. ‘modelo de chapéu com copa fechada e aba circular’. ■ “Sem colorir. Aí ela começava o **chapéu**, botava na fôrma e mandava, colocava a gente pra costurar. A beirada ela costurava e a fôrma, ao redor... cadê a fôrma? Botava na fôrma e eu ia costurando”. ■ “Era muito **chapéu**, dez dúzias. Mamãe fazia, a gente ia fazendo e ajudava ela nessa parte e trançando também. Uma trança fina, não era essa trança. Era mais delicada, mais fina, pro **chapéu** ficar bem bonito. Aí o rapaz vinha, levava essas dúzias e encomendava mais outras, dependendo da quantidade”. Porto de Sauípe, 51, associada. | Canoas, 54, associada.



olho da palha – sm. (< olho [lat. *oculu-*]^{mf.} + da + palha [lat. *palea,ae*]^{gl.}). → **olho da piaçava** → cortar o olho → maltratar o olho → olho pequeno → ofender o olho → puxar o olho → quebrar o olho. ‘rebento da palmeira utilizado no artesanato’. ■ “O povo esbagaça, num sabe tirar, aí esbagaça, tira do **olho**, aí pronto, num presta. Agora se saber tirar, tira o tempo todo, viu?! Aí se a gente tirar, tira, deixa o **olho** lá. Quando a gente vai de novo, já tá bom de tirar, já tem outro lá nascido pra tirar de novo. Mas o povo num olha isso. Muitos tira de qualquer jeito. Tirar aquela parte pra fazer... como é que chama, que faz comida... do **olho da**

palha. Mas tá acabando as piaçava, porque se tira o palmito, as piaçava morre”. ■ “Não, alguém até pode usar, até usa, mas a gente, normalmente, não usa, não. Porque, na verdade, se a gente usar o gancho, ele pode vir de vez e prejudicar o outro **olho da palha**. Então a gente tem que puxar ele na mão, com cuidado que é pra não ofender o outro”. Porto de Sauípe, 51, associada. | Canoas, 54, associada.

olho da piaçava – sm. (< olho [lat. *oculu-*]^{mf.} + da + piaçava [tupi *piasaua*]^{gl.}). → **olho da palha** → cortar o olho → maltratar o olho → olho pequeno → ofender o olho → puxar o olho → quebrar o olho. ‘rebento da palmeira utilizado no artesanato’. ■ “Eu ensinava, no caso, eu ensinava pra não cortar os olho. Os dois **olho da piaçava**, puxar o olho é... ter o cuidado pra puxar só o que vai coletar, o outro, o que tá sobrevivendo, não pode”. Canoas, 54, associada.



enrolar – v. (< lat. *rotulus*)^{gl.} 1. ‘dar forma circular as palhas cruas, dispondo-as em uma panela grande para posterior cozimento’. 2. ‘dar forma de rolo as palhas cozidas, pendurando-as à sombra para secar’. ■ 1a. “Enrola, mas eu num cozinho não, quem quem cozinha é mainha. É porque eu num sei **enrolar**

não [...]. É, tem que **enrolar**, porque se não... é pra botar tudo arrumadinho porque se não ela esbagaça. Tem que **enrolar**, porque se não ela solta da panela, aí não dá pra cozinhar”. ■ 2a. “Uma por uma, **enrola** uma por uma pra... pra secar”. ■ 2b. “Se abrir, aí tem que **enrolar** logo. Porque se ela secar, ela aberta, ela enruluja toda. Aí fica ruim”. Porto de Sauípe, 28, individual. | Porto de Sauípe, 51, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.



faca – sf. (< origem controv.). ‘instrumento composto por lâmina de metal, pontiaguda e sem corte, presa a um cabo, utilizado para riscar as palhas’. ■ “Pega a **faca**, risca tirinha por tirinha, uma **faca** cega. Aí vai riscando tirinha por tirinha”. ■ “Não, a gente faz com a **faca**, a gente vai abrindo ela”. Porto de Sauípe, 28, individual. | Canoas, 54, associada.



abrir – v. (< lat. *aperire*)^{cl}. 1. ‘separar as palhas da piaçava, enrolando-as após o cozimento’; 2. ‘alargar a costura a partir da junção de dois pares de palha, durante a etapa de processamento’. → **dar um crescido**. → enrulujar. ■ 1a. “Tem que cozinhar, **abrir**, botar pra secar”. ■ 1b. “Se **abrir**, aí tem que enrolar logo. Porque se ela secar, ela aberta, ela enrulja toda. Aí fica ruim”. ■ 2a. “Aí subia porque num dava os crescido pra ele **abrir**. Aí minha mãe, ó, puxava minha orelha. A gente pega dois par de vez”. ■ 2b. “É! Tem que dar um crescido, é quando ao invés de pegar um, a gente pega dois. É pra **abrir**, pra ficar assim, ó”. Porto de Saúípe, 71, associada. | Porto de Saúípe, 28, individual. | Vila Saúípe, 78, individual. | Porto de Saúípe, 71, associada.



boca – sf. (< lat. *buccam*)^{gl}. ‘abertura localizada na parte superior das bolsas’. ■ “É vinte e oito centímetros e vai costurando ela, dando os crescidos dos lados. Aí bota um crescido de um lado, outro no meio, outro do outro lado e aí ela vai abrindo. Aí ela fica cinquenta de **boca** ou quarenta e cinco, dependendo do tamanho, e trinta de altura”. ■ “É! E aí o fundo embaixo fica quadrado e a **boca**, em cima, fica abertinha”. Canoas, 54, associada. | Porto de Saúípe, 64, associada.



sacolão – sm. (< sacola [lat. *saccus, i*]^{gl}. + -ão). ‘modelo de bolsa em formato retangular, de tamanho grande e aberta na extremidade, na qual se prendem alças longas, utilizada para transportar compras e objetos’. ■ “Tem bolsa que pega oito, outras sete, outras pega até mais, outras pega até doze, dependendo do tamanho da bolsa. O **sacolão**, umas dez, doze braças”. Porto de Saúípe, 64, associada.



volta ≈ **voltinha** – sf. (< volta [deriv. *voltar*, este, do lat. *voltare*]^{gl}. ≈ + -inha). → **tira**. ‘pedaço comprido de trança, de extensão variada, utilizado para confecção dos produtos’. ■ “De **volta**. A esteira que eu fiz outro dia tinha 70 **volta**”. ■ “Ela fala as tira, quantas **voltas** pega numa bolsa. Umas pega sete, outras pega oito. Não! Sete **voltinhas** dessa. As **voltas**!”. ■ Porto de Saúípe, 71, associada. | Porto de Saúípe, 64, associada.

voltinha → **volta**.



ponta do olho – sf. (< ponta [lat. *puncta,ae*]^{gl.} + do + olho [lat. *oculu-*]^{mf.}). → olho da palha. → olho pequeno. ‘extremidade superior do galho central da piaçava onde se localizam as folhas mais velhas, descartadas durante a retirada da matéria-prima’. ■ “Não. Só um tanto. Só presta só a metade. A **ponta do olho** num serve, é mais curta as palha. Aí num presta”. Porto de Sauípe, 28, individual.



palha riscada – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{gl.} + riscada [part. pass. *riscar*, este, talvez do lat. *resecare*]^{gl.}). → **tira**. ‘filhete de palha obtido após o processo de riscagem, utilizado para compor os pares’. → par. → riscar. ■ “É, por dentro é embutida aqui. É embutida. Essa aqui é porque eu comprei essa trança, se não ia tirar o ponto pra você ver e eu num tenho **palha riscada**”. Vila Sauípe, 78, individual.

riscar – v. (< talv. do lat. *resecare*]^{gl.} → tira. ‘cortar a palha, dividindo-a em filhetes, utilizando uma faca’. ■ “Riscando. A gente **risca**, a gente tira a... por que a palha ela tem uma aurela. Uma aurela, uma coisa dura do lado”. ■ “Tem que **riscar** ela. Risca com uma faquinha, separa a palha do talo da palha. É o tamainho da palha que a gente tem que **riscar**”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.



trança de linho – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + de + linho [lat. *linum*]^{gl.}). ‘tipo de trançado feito com a fibra do ouricuri, utilizado no acabamento das bolsas e para confecção da fechadura’. → fechadura da trança. ■ “Exato. A gente fazia uma rodinha e botava o linho trançado, fazia uma **trança de linho** e botava”. Porto de Sauípe, 71, associada.



palha crescida – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{gl1} + crescida [part. pass. de *crescer*, este, do lat. *crescere*]^{mf1}). → **palha boa**. → **palha grande**. ‘folha seca e maleável da palmeira, de longa extensão e largura ampla, utilizada para o artesanato’. ▣ “As **palhas crescidas**. As menores a gente num tira não”. Porto de Sauípe, 64, associada.



palha boa – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{gl1} + boa [lat. *bona*]^{gl1}). → **palha crescida**. → **palha grande**. ‘folha seca e maleável da palmeira, de longa extensão e largura ampla, utilizada para o artesanato’. ▣ “Quando a **palha é boa** e quando a palha é ruim”. ▣ “Não. A gente escolhe as **palha boa**. Aquelas pequenininha a gente não tira, só vai tirar aquelas grandes. As palhas grandes”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.

palha grande – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{gl1} + grande [lat. *grandis*]^{gl1}). → **palha boa**. → **palha crescida**. ‘folha seca e maleável da palmeira, de longa extensão e largura ampla, utilizada para o artesanato’. ▣ ‘Aumenta mais e demora mais. A **palha grande** num instante emenda aquilo ali, oxente!’. Vila Sauípe, 78, individual.



palha do linho – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{gl1} + do + linho [lat. *linum*]^{gl1}). ‘folha seca e maleável, retirada da palmeira de ouricuri, de onde se extrai o linho para a costura’. ▣ “Não. A gente tira. Tem uma **palha do linho** que a gente tira, que o linho sai e a palha fica. É uma fibra. A gente tira isso assim, ó. Aqui é o linho. E aqui fica a **palha do linho** que num serve pra nada”. Porto de Sauípe, 71, associada





olho de pombo – sm. (< olho [lat. *oculu-*]^{mf.} + de + pombo [lat. *palumba,ae*]^{gl.}). ‘tipo de trança em que se juntam tiras de duas colorações, utilizando palhas na cor natural e em tonalidade escurecida ou avermelhada, que, quando sobrepostas no momento do trançado, apresentam simetrias semelhantes ao olho de algumas aves’. ■ “O mesmo trançado, a mesma pintura. Chamava até de **olho de pombo**. O **olho de pombo** é uma trança natural e... aí bota a palha pintada, aí por cima vem uma palha pintada, uma branca, uma pintada, uma branca, aí se forma o **olho de pombo**”. Porto de Sauípe, 71, associada.



mucunã – sf. (< tupi *mukunã*)^{gl.2.} → **olho de boi**. ‘semente presente na espécie *Dioclea violácea*, da família das leguminosas, utilizada antigamente como botão na fechadura das bolsas’. ■ “Semente de **mucunã**. Que chamam olho de boi também”. ■ “Não! **Mucunã** que era o fecho da bolsa antes. Antigamente, agora ninguém bota mais. Era uma semente do mato que a pessoa tirava e tinha que esquentar no espeto e furar. Fazer dois furinhos para poder fechar a bolsa. Aí era... chamava **mucunã**. Era vermelhinha ela, aí tinha que tirar no mato, ir atrás no mato, encontrar **mucunã**”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.



olho de boi – sm. (< olho [lat. *oculu-*]^{mf.} + de + boi [lat. *bovem*]^{gl.}). → **mucunã**. ‘semente presente na espécie *Dioclea violácea*, da família das leguminosas, utilizada antigamente como botão na fechadura das bolsas’. ■ “Semente de mucunã. Que chamam **olho de boi** também”. Porto de Sauípe, 71, associada.



tirar o linho – v. (< tirar [origem desconhecida]^{gl.} + o + linho [lat. *linum*]^{gl.}). ‘extrair a fibra seca, localizada no interior da palha do ouricuri, utilizando uma pequena faca pontiaguda’. ■ “Nós, não. Porque aqui é difícil de achar. A gente só usa pra **tirar o linho**”. Vila Sauípe, 78, individual.



encanud[ar] – v. (< en- + canudo [moçárabe *gannut*, este, deriv. hisp. *cannutus*]^{gl.} + -ar). → **enrulu[ar]**. ‘deixar, por incúria, que a palha se deforme, em razão de sua exposição ao sol, inviabilizando utilização artesanal’. ■ “Não, fica diferente. No sol elas **encanudam**, elas ficam vermelhas, e na sombra não, elas **encanudam** até, tem umas que **encanuda**, mas não fica vermelha”. Canoas, 54, associada.



enruluj[ar] – v. (< origem obsc.) → **encanud[ar]**. ‘deixar, por incúria, que a palha se deforme, em razão de sua exposição ao sol, inviabilizando utilização artesanal’. ■ “Se abrir, não. Se abrir, aí tem que enrolar logo. Porque se ela secar, ela aberta, ela **enruluja** toda. Aí fica ruim”. Porto de Sauípe, 28, individual.



lacinho – sm. (< laço [lat. vulg. *laceus*, este, do lat. cláss. *laqueus*]^{gl.} + inho). → **trança de lacinho**. ‘tipo de trançado feito com palha de piaçava, em que se juntam dois pares de palha que, quando dobrados ao meio durante a tessitura, apresentam formato semelhante a um laço’. ■ “Eu começo a trança e vou tecendo. É porque eu gosto mais de tecer a de **lacinho**, é só duas palha. Aí pega uma, dobra no meio, pega a outra, dobra no meio e vai colocando”.

■ “O **lacinho** é duas palhas. Quatro palhas, que é duas juntas, né? Na realidade, dois pares”. Porto de Sauípe, 28, individual. | Porto de Sauípe, 51, associada.



trança de lacinho – sf. (< trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.} + de + laço [lat. vulg. *laceus*, este, do lat. cláss. *laqueus*]^{gl.} + inho). → **lacinho**. ‘tipo de trançado feito com palha de piaçava, em que se juntam dois pares de palha que, quando dobrados ao meio durante a tessitura, apresentam formato semelhante a um laço’. ■ “Vinte e um, dezessete pra diferenciar. Eu chamo trança normal. Tem a **trança de lacinho**, tem a bicão. A bicão parece uma cobra”. Porto de Sauípe, 28, individual.



esteira – sf. (< lat. *storea*)^{gl.} → **tapete**. ‘revestimento em formato circular ou retangular, utilizado como adorno ou assento’. ■ “Essa semana passada eu fiz uma de três metros de diâmetro pra um negócio lá em São Paulo. Sou a professora das **esteira**, fiz uma de três metro”. ■ “Naquela época só fazia chapéu, bocapiu e **esteira**”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Canoas, 54, associada.



tapete – sm. (< lat. *tapete, is*)^{gl.} → **esteira**. ‘revestimento em formato circular ou retangular, utilizado como adorno ou assento’. ■ “Eu faço bolsa, eu faço **tapete** de todo tamanho, eu faço chapéu, eu faço tudo que você imaginar”. ■ Começamos a fazer as tramas, fazia só tramas e depois, aí tem quinze anos que eu fui embora e agora tem quinze anos que eu retornei e aí voltei, quando eu cheguei as meninas já faziam bolsas, **tapetes** e aí foi que eu comecei a fazer também”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Canoas, 54, associada.



caule da palha – sm. (< caule [lat. *caulis*]^{gl} + da + palha [*palea,ae*]^{gl}). → **galho**. → talo. ‘haste da palmeira de piaçava por onde brotam as folhas utilizadas para o artesanato’. ■ “O galho é o **caule da palha**. Da piaçava. É o que pode tirar lá na piaçava. A gente tira a palha e deixa aquele pau duro lá. E aqui na palha a gente tem o talo”. Porto de Saúpe, 71, associada.

galho – sm. (< lat. *galeus*)^{gl}. → **caule da palha**. → talo. ‘haste da palmeira de piaçava por onde brotam as folhas utilizadas para o artesanato’. ■ “O **galho** é o caule da palha. Da piaçava. É o que pode tirar lá na piaçava. A gente tira a palha e deixa aquele pau duro lá. E aqui na palha, a gente tem o talo”. Porto de Saúpe, 71, associada.



facão ≈ **facãozinho** – sm. (< faca [origem controv.] + -ão ≈ faca + -ão + -zinho). ‘instrumento composto por lâmina de metal, grande e afiada, presa a um cabo, utilizado para cortar o olho da piaçava’. ■ “Um **facãozinho** pra cortar. Só é **facão** mesmo”. ■ “Quando o olha tá difícil corta com **facão**. Quando tá fácil, eu puxo com a mão, quebra ele e tira a palha”. Porto de Saúpe, 64, associada. | Porto de Saúpe, 28, individual.

facãozinho → **facão**.



palha – sf. (< lat. *palea,ae*)^{gl}. ‘folha seca e maleável da palmeira utilizada para o artesanato’. ■ “Da piaçava. É o que pode tirar lá na piaçava. A gente tira a **palha** e deixa aquele pau duro lá. E aqui na **palha** a gente tem o talo”. ■ “Risca com uma faquinha, separa a **palha** do talo da **palha**”. Porto de Saúpe, 71, associada. | Porto de Saúpe, 64, associada.



palha escura – sf. (< palha [lat. *palea,ae*]^{gl} + escura [lat. *obscurus*]^{gl}). ‘folha seca e maleável da palmeira que, ao entrar em contato com a água, por incúria, adquire tonalidade enegrecida’. ■ “Se molhar fica escura. A **palha escura** não serve. Mas depois de pintada num fica não. Tem problema não. Natural é que as **palhas ficam escuras**, mas se pintar, num fica não. Num tem problema”. Porto de Saúpe, 71, associada.



botar a olho – loc. (< botar [fr. *bouter*]^{cl} + a + olho [lat. *oculu-*]^{mf}). ‘inserir as alças na bolsa sem utilizar instrumento de medição próprio’. ■ “Se **botar** assim, **a olho**, num presta não. Tem que medir”. Canoas, 54, associada.



capianga – sf. (< tupi *kaapirana* ‘erva vermelha’)^{g2}. → cipó de rego → corante natural → lama do mangue → urucum. ‘corante vegetal, cujo caule produz uma resina alaranjada’. ■ “Tingia com corantes naturais. A gente tingia com... com **capianga**, cipó de rego, era urucum, n’era Cota? Nós num tinha anilina, não. Pintava com essas coisa”. ■ “Com uma folha chamada cipó de rego e outra frutazinha chamada aricum. E outra **capianga**”. ■ “Primeiro a gente pintava com cipó de rego, **capianga** e lama do mangue”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada. | Vila Sauípe, 78, individual.



começo da trança – sm. (< começo [regr. de *começar*, este, do lat. *cominitiare*]^{g1} + da + trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.}). → **ponta da trança**. ‘extremidade dobrada em formato triangular, por onde se começa o entrançamento’. ■ “Aí eu vou pegar o começo dela aqui, ó. Essa pontinha fica assim. É o **começo da trança**. Quando termina vai emendando, emendando as palha. A trança só tem começo, fim não tem. Não tem fim, porque a gente pode tecer a vida toda, não vai chegar no final, só se você parar. Encerrou. Mas se você quiser, você pode começar a tecer ela de volta. O **começo da trança** é só o que a gente começou, mas o fim dela... você faz uma coisa aqui parou, chegou o fim dela. E aqui não”. Porto de Sauípe, 51, associada.



ponta da trança – sf. (< ponta [lat. *puncta,ae*]^{g1} + da + trança [talv. lat. *trinitia*]^{cf.}). → **começo da trança**. ‘extremidade dobrada em formato triangular, por onde se começa o entrançamento’. ■ “Pega o começo dela, porque é do começo que faz. Aí pega a **ponta da trança**, dobra e vai costurando. [...] Aí faz o acabamento, bota a **ponta da trança** pra dentro”. Porto de Sauípe, 54, associada.





bolsa-balde – sf. (< bolsa [lat. *bursa*]^{cp}. + balde [ár. *batil*]^{cp}). ‘modelo de bolsa em formato de cone invertido, em que se amplia gradativamente a largura a partir da base, costurada na horizontal, cuja abertura é fechada com zíper ou com a fechadura da trança’. ■ “A **bolsa-balde** o fundo dela a gente faz pequeno e vai costurando e vai abrindo ela”. ■ “A **balde** é fina em baixo e em cima vai ficando mais larga”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.



bolsa-cesto – sf. (< bolsa [lat. *bursa*] + cesto [lat. *cista*]^{gl}). ‘modelo de bolsa em formato elíptico, com base circular, costurada na horizontal e aberta na extremidade, na qual se predem as alças grossas e longas’. ■ “Aqui a **bolsa cesto**, ó. O fundo é redondo”. ■ “Eu faço bolsa

marcela, **bolsa-cesto**, bolsa-balde, bolsa-lua, bolsa-pastel”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.



carteira ≈ **carteirinha** – sf. (< carta [lat. *charta*]^h. + eira ≈ -eira + -inha). ‘modelo de bolsa pequena em formato quadrangular, sem alças e fechada na extremidade com zíper, geralmente utilizada para guardar moedas e documentos’. ■ “A roda tando feita, da trança, as vinte e cinco braça, aí a gente vamos costurar ou bolsa, tapete, qualquer coisa, ou **carteira**”. ■ “A **carteirinha** é menor, a balde é fina em baixo e em cima vai ficando mais larga e a marcela é toda quadrada. E a pastel, costura uma roda e depois fecha”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.

carteirinha → **carteira**.



capanga – sf. (< quimb. *kappanga*)^h. ‘modelo de bolsa pequena em formato quadrado ou retangular, com alças longas, utilizada a tiracolo’. ■ “Oh, Lili, faz uma **capanga** daquelas. Faça de qualquer cor, natural... vinho fica bonita. A **capanga** ela é... você faz a esteirinha e aí, pega um... faz assim e depois vem aqui. Toda quadrada”. Porto de Sauípe, 71, associada.

cesto – sm. (< lat. *cista* [este, do gr. *kiste*] ‘cesto’)^{gl}. ‘recipiente em formato circular ou cilíndrico, com ou sem alças laterais e/ou tampa, utilizado para guardar utensílios diversos’. ■ “O que mais sai é **cesto**. O que mais tá saindo é aquele **cesto** ali. Mas é muita gente para tecer, é muita coisa”. ■ “Vamos supor, a trança tando pronta, da manhã até meio dia eu dô conta do **cesto**”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada.



cipó de rego – sm. (< cipó [tupi *isi'po*]^{g2} + de + rego [pré-rom. *recu*]^{g1}). → capianga → corante natural → lama do mangue → urucum. ‘corante vegetal, *cuas folhas, quando trituradas e misturadas em água, produzem uma coloração amarronzada*’. ■ “Tingia com corantes naturais. A gente tingia com... com capianga, **cipó de rego**, era Urucum, n’era Cota? Nós num tinha anilina, não. Pintava com essas coisa. Enterrava as palha na lama do mangue pra poder pintar com **cipó de rego**. Botava, ficava preta, bonita. Depois que enterrava na lama, com o **cipó de rego** ficava preta”. ■ “Com uma folha chamada **cipó de rego** e outra frutazinha chamada aricum. E outra capianga”. ■ “Lá eu via, mamãe fazia e aí mamãe riscava aqueles moios e ia e cavava a lama e enterrava. Aí passava ali uma semana, aí quando tirava num tinha quem guentasse a catinga. Aí pegava e lavava tudo, com sabão. Aí tirava, passava no **cipó de rego** e pintava com o **cipó de rego** e ficava preto”. Porto de Sauípe, 71, associada. | Porto de Sauípe, 64, associada. | Porto de Sauípe, 54, associada.



emenda – sf. (< der. regr. de *emendar*, este, lat. *emendare*)^{mf}. → emendar. ‘ponto em que se juntam dois pares de palha para dar continuidade ao trançado’. ■ “Não. Da palha não. Tem umas maiores, mas aí quando termina, vai e bota outra. Faz a **emenda**”. Porto de Sauípe, 28, individual.

[**emendar**] – v. (< lat. *emendare*)^{mf}. → emenda. ‘adicionar um novo par de palhas ao trançado, após o término do par anterior, aumentando-lhes o tamanho’. ■ “Às vezes faz apertado demais, num **emenda** aqui o par direito, aqui fica soltando”. ■ “Aí joga aqui, quando tá curto de novo, torna a jogar e a gente vai... entre um e outro que a gente vai **emendendo**. E aí pronto, vai aumentando até... E depois dela tecida, ninguém vê se era curta nem comprida, porque vai **emendendo, emendendo**, ninguém vê se era grande ou pequena”. ■ “É. Quando termina vai **emendendo, emendendo** as palha. A trança só tem começo, fim não tem. Não tem fim porque a gente pode tecer a vida toda, não vai chegar no final, só se você parar”. Porto de Sauípe, 64, associada. | Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 51, associada.





bolsa vazada – sf. (< bolsa [lat. *bursa*]^{gl.} + vazada [part. pass. *vazar*]). → trança caracol. ‘modelo de bolsa costurada em diferentes formatos, em que se utiliza a trança caracol para sua confecção, permitindo a alternância de forma entre círculos e losangos vazios’. ■ “Essa aqui chamava **bolsa vazada**, unida uma do lado da outra e costura aqui”. ■ “Não. Mas ninguém fala que foi eu que fiz. Agora já tem essa outra bolsa, **bolsa vazada**. Que já foi botada nome **bolsa vazada**. Daquela trança que eu lhe falei”. Porto de Sauípe, 28, individual. | Porto de Sauípe, 51, associada.



cont[ar] os pares – v. (< contar [lat. *computare*]^{gl.} + os + par [este, do lat. *pare-*]^{mf1.} + -es). → par → ponta da trança. ‘fazer a composição dos pares, separando-os de um lado em número ímpar e do outro em número par, para iniciar o entrançamento’. ■ “**Contando os pares** de um lado, do outro e aí ajunta e começa”. Porto de Sauípe, 64, associada.



desmanchar – v. (< ant. fr. *desmancher*)^{gl.} ‘desfazer a trança, separando-se os pares de palha trançados’. ■ “Tinha que **desmanchar** todinha de novo pra fazer”. ■ “Ela... a trança, desmancha quando é cortada. Aí tem que dobrar a pontinha e costurar pra não **desmanchar** a trança”. Vila Sauípe, 78, individual. | Porto de Sauípe, 28, individual.



[encobrir] a cabeceira – v. (< en- + cobrir [lat. *cooperire*]^{gl.} + a + cabeça [lat. *capitia*]^{mf.} + -eira). → cabeceira → debrum. ‘inserir uma tira de trança dobrada, na extremidade das bolsas e esteiras, costurando-a durante a etapa de acabamento para evitar que a trança se desfaça’. ■ “Pra vender, é. Quando a gente **encobre as cabeceira**”. Porto de Sauípe, 71, associada.



par – sm. (< lat. *pare-*)^{mf1.} → tira. ‘conjunto de dois filetes de palha sobrepostos que, quando unidos a outros pares, compõem o trançado’. ■ “Chama **par**. É. Todas. Todo trançado tem que ser duas palhas”. ■ “**Par** é isso aqui, ó. É isso aqui. É duas palha, um **par**”. Porto de Sauípe, 28, individual. | Porto de Sauípe, 71, associada.



enrolar – v. (< lat. *rotulus*)⁶¹. 1. ‘dar forma circular as palhas cruas, dispondo-as em uma panela grande para posterior cozimento’. 2. ‘dar forma de rolo as palhas cozidas, pendurando-as à sombra para secar’. ■ 1a. “Enrola. Mas eu num cozinho não, quem cozinha é mainha. É porque eu num sei **enrolar** não [...].[...] É, tem que **enrolar**, porque se não... é pra botar tudo arrumadinho porque se não ela esbagaça. Tem que **enrolar**, porque se não ela esbagaça. Tem que **enrolar**,

porque se não ela solta da panela, aí não dá pra cozinhar”. ■ 2a. “Uma por uma, **enrola** uma por uma pra... pra secar”. ■ 2b. “Se abrir, aí tem que **enrolar** logo. Porque se ela secar, ela aberta, ela enrulja toda. Aí fica ruim”. Porto de Sauípe, 28, individual. | Porto de Sauípe, 51, associada. | Porto de Sauípe, 28, individual.

Índice remissivo

A

aba do chapéu	35
abrir	41 61
acabamento	39
agulha de bolsa	42
agulha de palombar	42
agulha grossa	42
alça	37
aleijo	44
alinhavar	56
amolecer	55
anilina	55
<i>aricum</i>	59
arrematar	40
artesã	44
associado	58
<i>aurela</i>	52
[auréola]	52

B

beirada do chapéu	35
bicão	45
bitola	52
bitolazinha	52
boca	61
bocapiu	58
bolsa-balde	64
bolsa-cesto	64
bolsa de bicão	37
bolsa-jacaré	57
bolsa-lua	56
bolsa marcela	58
bolsa- pastel	57
bolsa vazada	70
botar a olho	66
botar no fogo	47 55
botar no ritmo	57
botar para secar	56
braça	47
braçada	47
brochinha	42

C

cabeceira	39
câimbo	56
[câimbro]	56
cajibá	45
calda	55
capanga	68
capiangá	67
carteira	68
carteirinha	68
caule da palha	66
cesto	68
chapéu	59
chapéu sem-teto	35
cipó de rego	69
começo da trança	67
cont[ar] os pares	70
cooperado	58
copa do chapéu	52
corante natural	48 59
corda da bolsa	37
cordazinha	37
cortar o olho	54
costurar	47
costur[ar] aberta	56

cozinhar	47
crescido	41
cuca-fresca	35

D

dar um crescido	41
debrum	39
desmanchar	70
dobrar	40

E

emenda	69
[emendar]	69
encanud[ar]	64
[encobrir] a cabeceira	70
enrolar	60 71
enruluij[ar]	65
esteira	65

F

faca	60
facão	66
facãozinho	66
fechadura da trança	43
fecho da bolsa	43
feita ao comprido	58
feixe de palha	46

feixo de palha 46

fôrma 42

G

galho 66

L

lacinho 65

lama do mangue 48

linho 42

M

machucar os pares 57

[maltratar] o olho 36

moca[r] 57

mocó 56

moio de palha 46

mucunã 64

mudar as vistas 48

O

ofender o olho 36

olho da palha 60

olha da piaçava 60

olho de boi 64

olho de pombo 64

olho pequeno 36

P

palha 66

palha boa 63

palha crescida 63

palha crua 37

palha do linho 63

palha escura 66

palha facão 44

palha grande 63

palha natural 37

palha nova 37

palha riscada 62

palha ruim 44

par 70

ponta da trança 67

panela 47

pedra 45

pedrinha 45

piaçava 36

piaçava dura 44

piaçava pequena 53

pintar 55

ponta da trança 67

ponta do olho 62

puxar o olho 49

Q

quebrar a cabeceira	53
quebrar a trança	40
quebrar o olho	54

R

riscar	62
roda de trança	49
rodilha	47
rodinha da trança	43

S

sacolão	61
suporte	39

T

talo	52
tampa	50
tapete	65
tecer	38
tingir	55
tira	49 52
tirinha	49 52
tirar a palha	50
tirar o linho	64
trama	51

trança	51
trança de bicão	45
trança de bico	45
trança de caracol	51
trança de dezessete pares	38
trança de lacinho	65
trança de linho	62
trança errada	53
trança natural	51
trança perdida	53
trançado	51
trançado de dezessete pares	38
trançado-errado	53
trançado-jacaré	57
trançado tupinambá	38
trançar	38

U

urucum	59
--------	----

V

virar a trança	40
viseira	35
volta	61
voltinha	61

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Iranéd. Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- DIAS, Denise Gomes. *Os segredos da Arte: Um olhar etnolinguístico sobre os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.
- DIAS, Gonçalves. *Dicionário da Língua Tupi: chamada língua dos indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.
- FERRI, Marcella. *Porto de Sauípe: memórias de um lugar*. Salvador: Fundação Pedro Calmon; Lauro de Freitas: Livro.Com, 2012.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Lexicografia histórica e questões de método. In: *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Tânia Lobo; Zenaide Carneiro; Juliana Soledade; Ariadne Almeida; Silvana Ribeiro (organizadoras). Salvador: EDUFBA, 2012.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; OLIVEIRA, Ingrid Gonçalves de. O léxico furtado do passado, na História do Futuro, de Antônio Vieira. In: *Revista da ABRALIN*, v.16, n.2, p. 87-104, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. Coleção Língua[gem]. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MIRA MATEUS, Maria Helena. A Face Exposta da Língua Portuguesa. In: *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Volume 3. Tomo II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000.
- MURICY, Ivana Tavares. *Turismo e desenvolvimento no Litoral Norte da Bahia*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú – MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. Os topônimos com a posposição tupi *-pe* no território brasileiro. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v.16, n. 2, e20200041. DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0041, 2021.

SILVA, Rosemar Brito. *Complexo turístico Costa do Sauípe: transformações socioambientais em Porto de Sauípe – Bahia*. 2003. 113 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, Brasília – DF, 2003.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4ª ed. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.